



Guilherme Almeida

Molhado  
de ver-  
melho  
poemas  
da transição







editora  
DEVIRES

Guilherme Almeida

Molhado  
de ver-  
melho  
poemas  
da transição



2019 © Editora Devires  
Molhado de vermelho: poemas da transição  
Guilherme Almeida

EDITOR: Gilmaro Nogueira  
PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Aline Paiva

CONSELHO EDITORIAL:  
Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Lima – UFOB  
Prof. Dr. Djalma Thürler – UFBA  
Profa. Dra. Fran Demétrio – UFRB  
Prof. Dr. Helder Thiago Maia - UFF  
Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus – IFRJ  
Profa. Dra. Joana Azevedo Lima – WYDEN  
Prof. Dr. João Manuel de Oliveira – CIS-IUL  
Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa – UEPB  
Prof. Dr. Leandro Colling – UFBA  
Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade – UNILAB  
Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida – UERJ  
Prof. Dr. Marcio Caetano – FURG  
Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos – UFRJ

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida,  
desde que citada a fonte. Direitos para essa edição  
cedidos à Editora Devires.

CIP BRASIL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

---

AL447a ALMEIDA, Guilherme. –

Molhado de vermelho: poemas  
de transição/Guilherme Almeida. 1ª  
edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2018.

21p.; 23cm

ISBN 978-85-93646-20-1

1. Poesia 2. Identidade 3. Gênero I. Título.

CDD B869.1

CDU 316.472.3

---

 editora  
**DEVIRES**

Av. Ruy Barbosa, 239, s 104, Centro  
Simões Filho – BA | [www.editoradevires.com.br](http://www.editoradevires.com.br)





Dedico

às pessoas trans e às  
pessoas cis que trabalham  
de mãos dadas por uma  
boa vida para todas/os.





## Gratidão

Aos zeladores/as espirituais que trabalharam sempre para que não me faltasse paz, fé e saúde.

Aos profissionais de saúde que me ouviram e atenderam.

A amig@as que não me faltaram quando eu mais estive molhado de vermelho. Cada um/a que esteve, sabe que está aqui.


A toda família Jorge Leite.

A minha família de origem, meu pai, minha mãe e irmãs.

A Gi Flora que me esquentou nos seus braços, de então cinco aninhos.

A Ilma, amor que provou seu valor na amizade de 21 anos.

A ex-companheira e amiga, Vanessa, pelo cuidado e aprendizado compartilhados durante toda a transição e além.





A Marisy, amor até o último instante, que me conta suas incríveis histórias e me dá de sua mais que saborosa convivência.

Aos que se envolveram diretamente na execução do projeto deste livro: Paulo Pavão, Marcia Zanelatto, Aline Paiva e Gilmaro Nogueira.

Às pessoas que me chamaram de poeta como elogio e também as que me chamaram assim por xingamento. Acabei me convencendo.







## Prefácio

Numa tarde de 4<sup>a</sup> feira o meu amigo, Guilherme Almeida, pediu-me para escrever o prefácio do seu primeiro livro de poesia. Gratificado e com certa emoção, pus-me a pensar: professor, assistente social, militante e poeta... Aceitei. E depois, questionei-me: não sou crítico literário, não domino as “artes poéticas”, porém, reconheço que tenho certa intimidade com a poesia, embora nunca tenha me permitido escrever um único verso. Aceitei.

Num primeiro momento, fiz uma leitura ampla, rápida, abrangente, em busca de uma visão totalizante da obra. Depois li, poema a poema, como um viajante que, atravessa uma floresta densa, observando árvore a árvore.

Na poesia de GA, pode-se ver a caminhada do poeta através da vida, a sua relação com o mundo, com o outro, com





o amor e o tempo, tempo e história na poesia como fundação do ser. Tempo e história expressando um conflito fáustico entre a permanência e a finitude. De um lado, o desejo de poder ficar com os seus, com as suas coisas; de outro, o desejo de partir, caminhar. Talvez a permanência na memória: partir e ficar, pois todo poema é – em verdade – autobiografia.

Assim, GA em seu primeiro livro demonstra um certo domínio da fala poética e, principalmente, transmite aos seus leitores, nos seus versos: uma leveza, um deleite (e, por que não dizer?) um grande prazer estético, permitindo-se apreender na ordem dos poemas a luta que o poeta trava drummondianamente com a máquina do mundo.

*Paulo R. C. Pavão*

Professor Associado de Psiquiatria (UERJ),  
que também vê a literatura como um remédio.

Rio de Janeiro, 03 de outubro de 2018.





## Sumário

- i. Apresentação, **13**
- ii. Puberdade, **17**
- iii. Roto escravo, **19**
- iv. Degredo, **21**
- v. Nobres, **23**
- vi. O pescador e o mar, **25**
- vii. Cor na certidão, **27**
- viii. Mastodonte, **29**
- ix. Fáceis e difíceis, **31**
- x. Cicatriz, **33**
- xi. A corrida, **35**
- xii. Pesadelo de um acrobata, **37**
- xiii. Estrelas travestis, **39**
- xiv. Identidade índia, **41**
- xv. O espelho ou o adeus  
de Maria Célia, **43**
- xvi. Lama, **47**
- xvii. To my dad, **49**
- xviii. Mosaico, **51**
- xix. Avestruz, **53**
- xx. Menino cuspidor, **55**
- xxi. Escaravelhos, **57**
- xxii. Pressa, **59**
- xxiii. Laço de família, **61**





- xxiv. Valete, **63**
- xxv. Straight fantasy, **65**
- xxvi. Do ouro, **67**
- xxvii. Carne viva, **69**
- xxviii. Buscador, **71**
- xxix. O conto que não contou, **73**
- xxx. Cheiro de senzala, **75**
- xxxi. Legião, **77**
- xxxii. Fórmula, **79**
- xxxiii. Pelo túnel, **81**
- xxxiv. Shitake, **83**
- xxxv. Tudo é possível, **85**
- xxxvi. Vergonha, **87**
- xxxvii. Condomínio, **89**
- xxxviii. Guardados na gaveta, **93**
- xxxix. O homem entre dois rios, **95**
  - xl. Petição, **97**
  - xli. Tarjas, **99**
  - xl.ii. Vertigem, **101**
  - xl.iii. Derradeira, **103**
  - xl.iiii. Na esquina com Zé Maria, **107**
  - xl.v. Paraolímpico, **109**
  - xl.vi. Lesma no corte da faca, **111**
  - xl.vii. Sobre o desejo de sumir no mundo, **113**
  - xl.viii. Corte e costura, **115**
  - xl.ix. O título quem dá é você, **117**
    - l. Eterno esboço, **119**





## Apresentação

Desde que empreendi minha transição rumo à desconhecida, desejada e temida condição de homem, quis contar meu percurso, suas aventuras e desventuras. Vivi minha transição de gênero quando os homens trans brasileiros mal se conheciam e se contavam nos dedos de uma só mão, quando não havia quase nada para ler em português sobre transexualidade, quando as redes sociais estavam apenas engatinhando e as pessoas te olhavam como um ET quando você dizia que era um homem transexual. Vivi minha transição em sala de aula, sabendo que isso podia ser o fim da minha carreira.

Cerca de 13 anos depois, o cenário é diferente. Apesar disso, acho ainda válido dar testemunho de um tempo que parece ter passado, mas ainda carrega alguma utilidade, ou talvez nenhuma, apenas a de ser poema.





Eu me achava novo para uma autobiografia e muito cioso da minha liberdade para escrever um blog ou alimentar um perfil sobre o caminho. Decidi escrever um romance, ficção. Fiz curso, rascunhei páginas e também abandonei o propósito. Decidi um dia que era importante ser fiel à minha mais antiga língua. Ela surgiu quando, aos 12 anos, a primeira chuva de vermelho caiu sobre mim: escrevi poemas.

Tinha centenas deles. Seleccionei aqui os que falam dos momentos mais intensos da transição. Muitos deles nasceram entre os anos de 2008 e 2012, entre os 32 e os 39 anos, o período em que mais molhado de vermelho, fiz muitas perguntas, revisei meu passado, adoeci muitas vezes, fiz seis cirurgias e uma grande tatuagem, reinventei minha carreira, comecei a me hormonizar, experimentei um casamento, militei muito, aprendi a andar de bicicleta, ensaiei masculinidades, trabalhei por vezes sessenta horas por semana, contribuí na criação de pelo menos três adolescentes, busquei o reconhecimento público e





jurídico como um homem... Outros poemas vieram lá da adolescência.

O livro surgiu e dormiu em pastas por pelo menos cinco anos, esperando que sobrasse tempo para ele. O tempo nunca sobrou, mas foi bom fechar esse ciclo. Poesia é necessária nesse momento político de brutalidades e esperança escassa.

Primavera cinzenta do RJ de 2018.









## Puberdade

2012

A mãe encontra a conhecida e é a fila  
do mercado.

Orgulhosa apresenta a terceira do trio  
de meninas que acha que pariu.

A conhecida diz que é uma bitelona,  
será a maior das três.

A filha baixa os olhos e na porta do  
mercado carrega com raiva

As pesadas bolsas de papelão.

Ela olha as próprias pernas que  
cresceram longas, sem graça  
ou contornos.

O dia cai no céu hemorrágico e ela tem  
vontade de ir.

Pelos brotam nas pernas em abundância  
e as pernas morrem

Em sandálias plásticas azuis tão vivas  
quanto odiadas.

Gostaria de ver os pelos crescerem  
lindos,





Sáírem como brotos da terra úmida,  
Mas sabe que eles não podem.

Um dia vai ao banheiro solitário.  
Abre a caixa metálica do pai de onde  
reluzente sai

O barbeador metálico de rosca mais  
que amado.

Enfia nele a gilete, contempla,  
Já não crê que um dia a lâmina será  
carícia no seu rosto.

Ensaboa as pernas com brutalidade,  
o metal desliza inclemente,  
A pele lisa fica palatável a impiedosos  
expectadores.

O sangue escorre em vários pontos:  
Será a pele fina de menina, será a raiva  
puta de fazê-lo?

Quisera cortar o pulso ao grosso pelo,  
testemunho disciplinado de que jogou  
no ralo da pia a sua alegria.



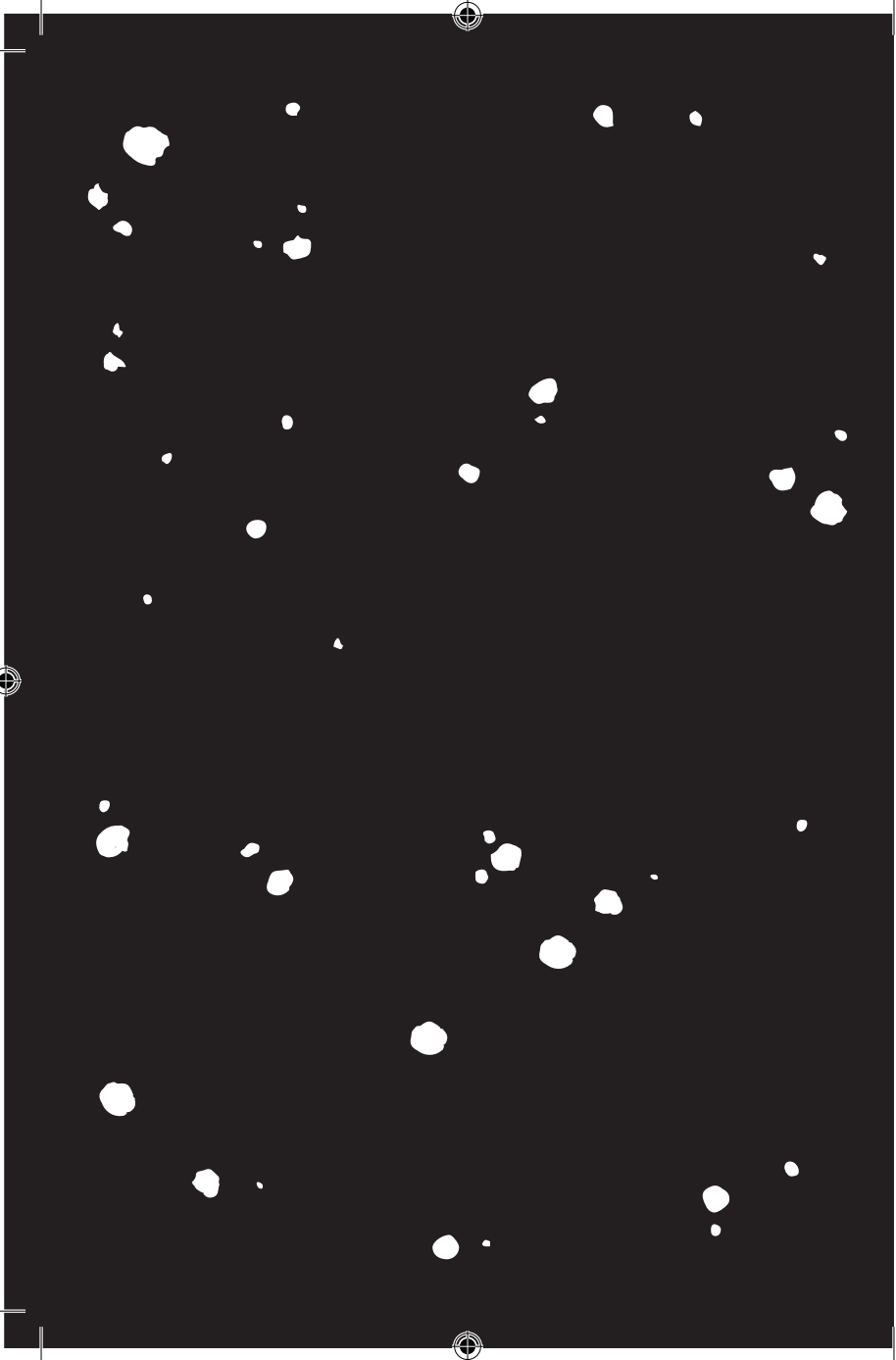


## Roto escravo

1997

Sempre condenado à inquietude.  
Estrangeiro. Nunca de nenhum lugar.  
Sou roto escravo a perambular em  
busca de alforria  
e um bocadinho de alegria.  
Meus grilhões... deus me socorra:  
estou preso pelas vísceras.







## Degredo

1997

Somos seres de luz meu amor,  
de outra ordem de vertebrados.  
Feitos de restos de desejos nada,  
nada civilizados.

Somos de matéria estranha  
Seres desfeitos do normal  
degredados habitantes de outras ilhas.  
Talvez não haja mesmo espaço pra nós  
no casamento dos primos.

Provamos do veneno proibido, por um  
cupido de boate oferecido.

Nosso sangue morno fez-se quente  
e ferveu vazando em jorros nos tubos  
do laboratório.







## Nobres

1997

Para sempre elas caminharão na rua uma  
emoção contida, sua.

Mãos dadas são um risco: o guarda pode  
prender.

E se o carro estiver fechado na Joatinga,  
ainda assim,  
a interferência bélica, o deboche grosso  
com a mão no escroto.

O amor que não ousa se dizer é como  
um gás nobre:

forçado a dissolver-se nos grandes  
espaços.

Sua força – mesmo que uns não queiram  
– move balões que colorem os céus.









## O pescador e o mar

1997

Foi, foi lá no mar que o grão de areia se  
fez pérola.

Foi, foi lá no mar.

O pescador olhou o mar com desprezo  
depois do naufrágio.

O pescador voltou as costas ao mar e fez  
juras de areia.

Foi, foi lá no mar.

O pescador nem quer mais sussurros  
de sereia.

O pescador constrói diques.

O pescador enjoou peixes.

Foi, foi lá no mar.

O pescador fechou choupana.

O pescador cortou redes.

O pescador não quis mais sal, e dele só  
sabe o asfalto.

Foi, foi lá no mar.

O pescador se achou liberto.

Não era mais pescador.





À noite quando se entrega à cama sem  
ter pudor,  
volta ao mar (desta vez perto).  
Foi, foi lá no mar.





## Cor na certidão

1996

Sou parte dessa multidão de pardos  
legais,  
que ignora os feitos dos ancestrais,  
mas sonha muito em ser singular.  
Enquanto cai todo dia:  
de fome, do trem ou de etílica alegria.







## Mastodonte

1998

Esta poesia é tua agonia.  
Este tesão é tua perversão.  
Como pode entre nós haver ponte  
se tua moral é um velho mastodonte?







## Fáceis e difíceis

1998

É fácil dar parabéns, fato consumado,  
prêmio ganho.

Difícil aceitar o que media: o esforço  
suado, a emocionada dislexia.

É fácil cumprimentar no fraternal  
tapinha.

Difícil é construir com restos sujos o que  
não se tinha.

É fácil aceitar sem medo os frutos  
brilhantes.

Difícil lembrar que tinham cica um  
pouco antes.

É fácil dar calor pro que inflama,

Difícil é abraçar o que congela porque se  
ama.

É fácil saber que é dor e mudar de  
assunto.

Difícil é abrir em si o mesmo corte e  
sentir junto.

Difícil é apostar na farinha quando logo  
ali está o pão.





Admitir que a maior linha precisou da  
inicial explosão.







## Cicatriz

2000

Tudo cicatriza.  
Por bem ou por mal, tudo cicatriza.  
A ferida de ontem já tem casca.  
Já nasceu com casca a ferida de  
amanhã.  
A pele nova já nasceu com a potência  
da ferida.  
Por mal ou por bem, eu cicatrizo  
e morro fatal.  
Do alto do prédio onde ergui torres,  
sinto todo o banzo do mundo.







## A corrida

2001

Disseram que é uma corrida, só vejo  
sombras.  
É preciso andar pra frente,  
há concorrentes.  
Preciso me esforçar para chegar  
no tal lugar.  
Mas uns partiram antes de eu sonhar.  
E muitos de um outro patamar.  
Alguns têm ajuda, outros vão abandonar.  
Há os de trás de mim que ignoro.  
Há olhares, todos me medem  
pelo tamanho de meus passos.  
Há gritos, todos me medem  
pelos fracassos.  
Em muitos momentos, caio.  
Imploro por um fim ou uma lógica,  
mas não há lógica.  
Preciso de água, mas não há água.  
Firo meus pés, mas não há trégua.  
Preciso medir a esperança que  
preciso e não há régua.





O sonho diz que é possível viver  
sem a corrida,  
tento obedecer a ele, mas ela  
já virou a única vida.  
A corrida segue e já não percebo,  
talvez o fim esteja próximo.  
Meio dopado, fantasio troféus  
e medalhas.  
Ergo o pé num delírio de vencedor,  
estou sozinho e não há pódio.





## Pesadelo de um acrobata

2001

O corpo subiu ágil, valente,  
tributando à altura seu sonho supremo.  
Fricção do ar, massagem do mar,  
feito braços amados.  
Teu músculo cúmplice, meu único remo.  
O esforço fatal, circense veneno.  
E para a multidão atenta,  
o ângulo proibido.  
Você frágil base, tão terno pivô, sorria.  
E na direção do solo meu medo  
acontecia.  
Nosso encontro era velho,  
constante, vivido.  
A perversa diferença é que nesse dia,  
tua mão segurando o meu peso,  
não suportaria.







## Estrelas travestis

2001

A noite confusa entre lua e nuvem  
virou chuva.

Chuva joga o corpo gota a gota  
no pára-brisa.

O pára-brisa gelado só analisa.

Seu papel pra mim é traduzir,  
fazer chuva virar panteão de estrelas  
na fluorescente luz da rua.

A luz muda, o pára-brisa luxuoso  
conta de estrelas travestis:

vestidas de prata, vestidas de ouro,  
despidas na lata, morando na Lapa.









## Identidade índia

2002

Ela está aí e não está:  
feita de cacos translúcidos,  
fragmentos de memória íntima e  
coletiva.  
De palavras soltas no espaço caótico.  
Líquido escorrente entre frestas  
de blocos que se querem sólidos,  
mas que são e não são blocos.  
Como iceberg poderoso que se une  
a outros e compõe, desmancha-se  
na estufa estúpida, mas visto de  
cima,  
de baixo ou num esbarrão, é firme.  
Ela é a esteira onde durmo hoje  
e recolho amanhã,  
destecida sempre, reduzida a palha.  
Tecida a mão, ela não me explica,  
explica apenas a mão que a replica.  
E a mão fica, mesmo quando  
voltar ao chão,  
Semente de novos trilhantes.







## O espelho ou o adeus de Maria Célia

2002

Nascestes Maria Célia, mas hoje me olhas com olhos firmes, Maria Célia. É o grande dia pelo qual choraste, pelo qual lutaste, pelo qual mudaste e do qual algumas vezes esqueceste, Maria Célia. O que foi forte na criança, fez chorar na adolescência e quase foi abandonado na idade adulta, agora pode ser Maria Célia. Vai. Prepara-te. Escova com derradeiro mau jeito teus longos cabelos e usa pela última vez estas tuas vestes, Maria Célia. As unhas nunca pintaste, não é mesmo, Maria Célia? E os cuidados da pele nunca passaram dos básicos. Mas o que fazer de tuas orelhas furadas? Talvez ninguém ligue pra elas, Maria Célia. As axilas há muito vinhas cultivando e também as





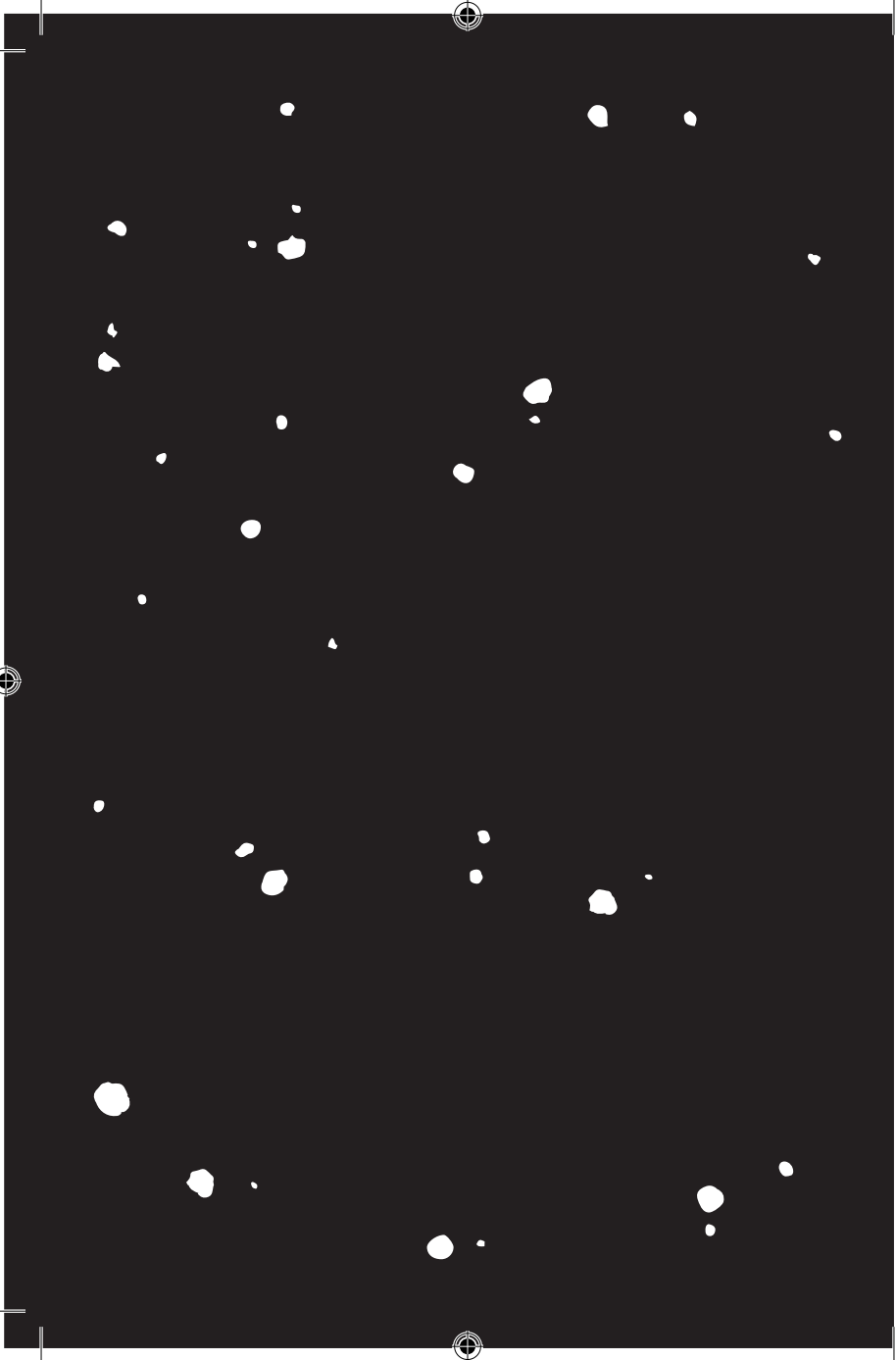
pernas. Mas o batom... ah, sentirás falta do batom, Maria Célia. Eu bem sei que ele era dos poucos signos do feminino que não desprezaste. Mas avia, Maria Célia. Olha a hora: bisturis não esperam, mesas cirúrgicas não esperam, anestésias não esperam. Nem mesmo por ti, Maria Célia. Ao voltares, serás outra pessoa: sem seios e sem entranhas desnecessárias. Sem tampões e (quem diria!) sem os grandalhões sutiãs. Sem cólicas, inchaços nem melancolia. Viraste Henrique, Maria Célia. O Henrique que assinava tuas primeiras cartas de amor, Maria Célia. O Henrique que não tinha modos e rasgava roupas, que gostava de bola e de mijar em pé aos seis anos, Maria Célia. O Henrique que, nas tuas fantasias, sonhava casar com a Cristina e fazer um filho com ela, Maria Célia. O Henrique que saiu ou foi saído de casa muito cedo, enamorado de um rabo





de saia. O Henrique que bebeu  
teu primeiro pileque, Maria Célia.  
O Henrique que tinha medo do  
escuro. Tu viraste Henrique, Maria  
Célia. Outra vida terás e até outros  
documentos terás, como o doutor  
prometeu. Conversão pronta.  
Novos combustíveis. Mas eis que  
a um canto, teu fantasma assiste  
acocorada, derrotada, comovida,  
invisibilizada. Estás certa do óbito,  
Maria Célia?





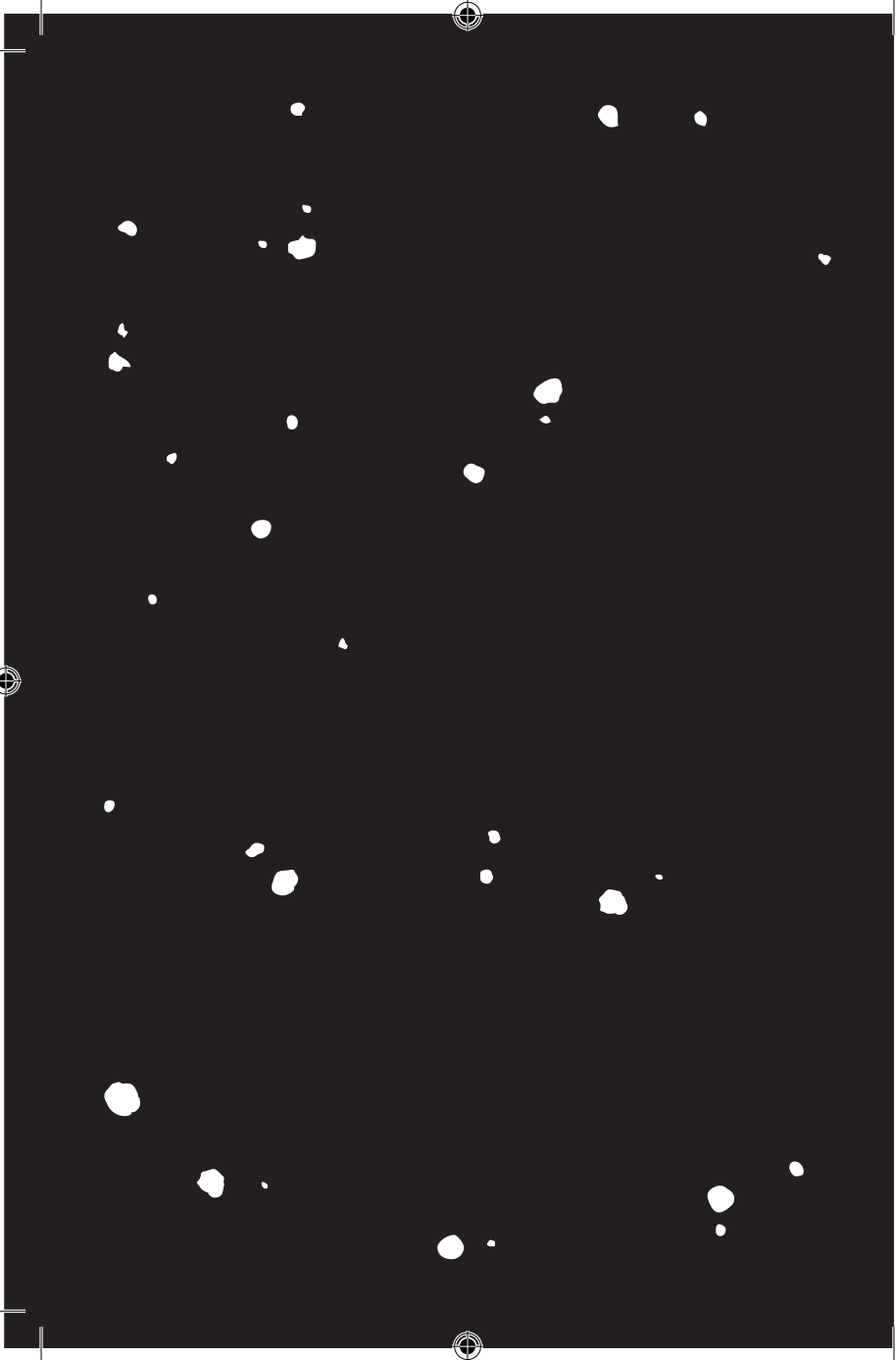


## Lama

2004

Meu amor, eu virei trouxa,  
escárnio e confusão.  
Eu sei, a rua entrou na minha vida,  
precisei querer ela não.  
Ela entrou devagarzinho, abriu com  
mão suja a imensidão.  
Pra cada palavra um pedacinho,  
pro pedacinho, um palavrão.  
Eu fiquei roxo, trouxa de mim e espero  
deste cachorro doido fazer sabão.  
Descontrolei. A vida me infectou em  
rostos de mendigos.  
Entrou nos meus buracos feito água  
de enchente.  
A sujeira toda virou lama  
e a lama foi medicinal.









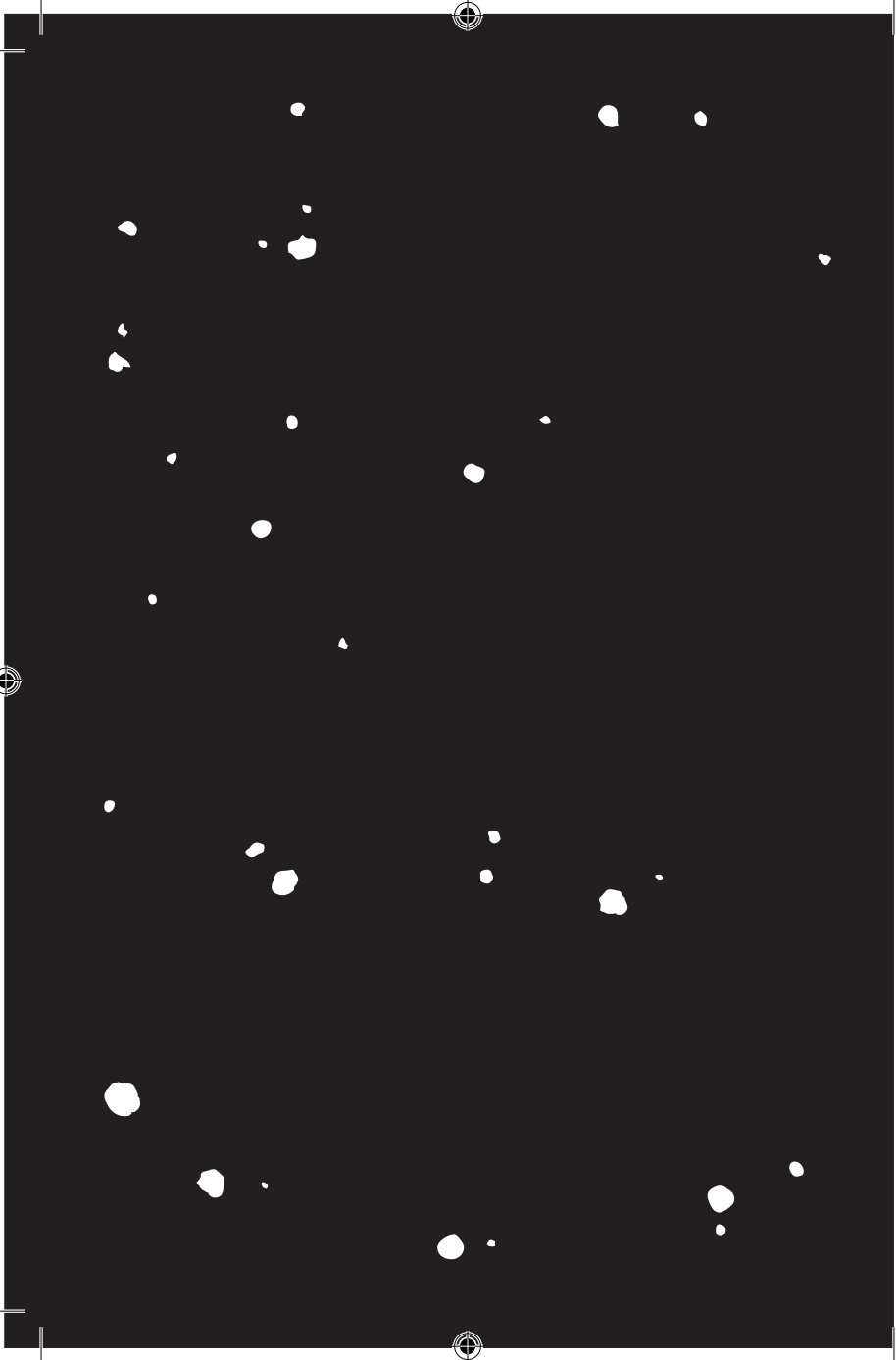
## To my dad

2005

Será que você viu que sou seu  
indecifrável teorema,  
além de um perigoso treponema?  
Será que você não vê em mim sua  
virilidade mal embalada,  
sua continuidade reprimida,  
seu membro mais poderoso em coto,  
seu garoto?

Não te soa íntimo algo que em mim –  
e contra toda lógica – de ti persiste?  
Será que você não percebe que o teu  
herdeiro nunca parido e muito  
triste, existe?





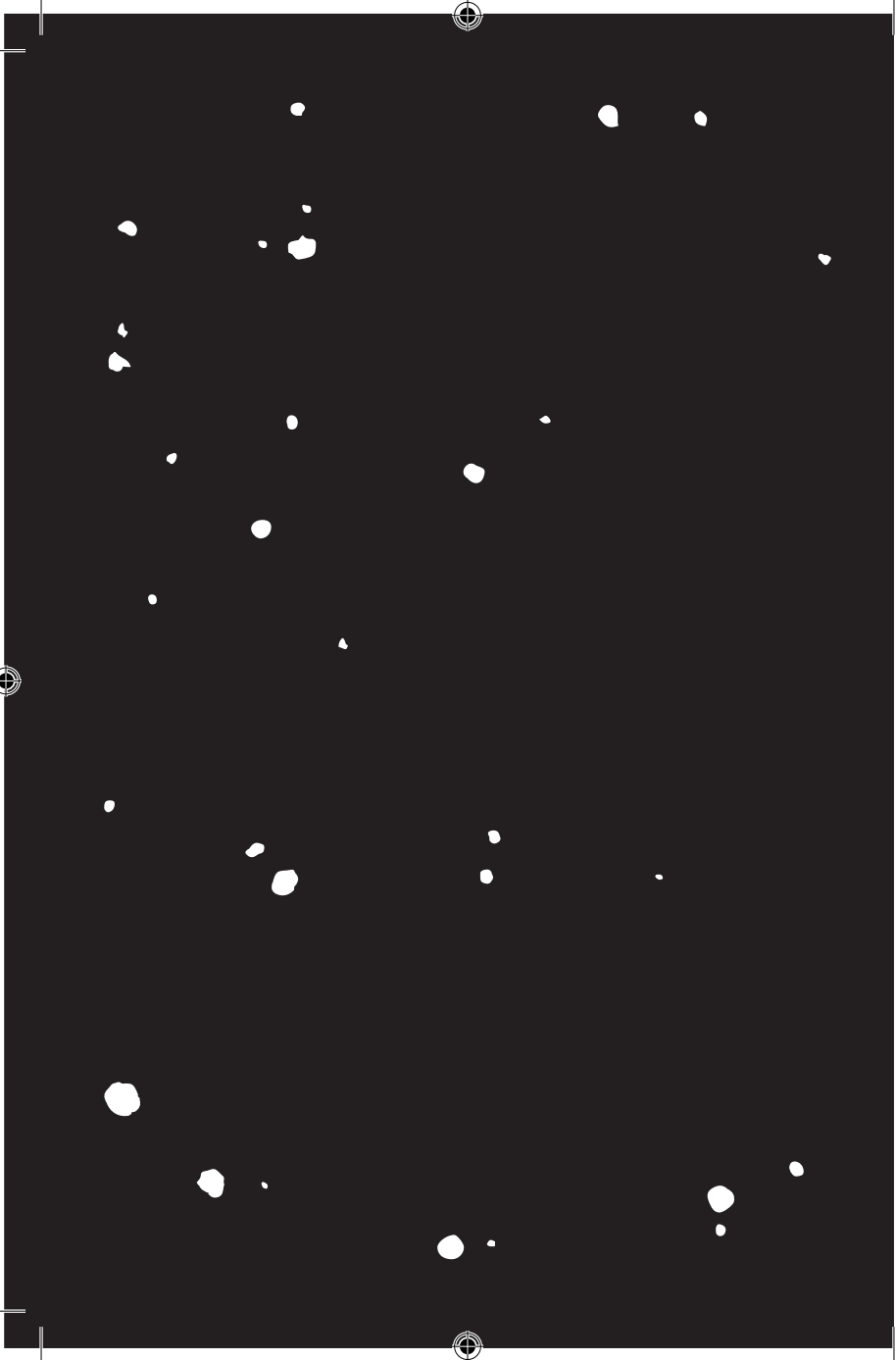


## Mosaico

2005

Ainda que pálido de medo, sigo.  
Ainda que sujo de segredo, phalo.  
Ainda que nu como nunca, público.  
Ainda que molhado de vermelho,  
limpo.  
Ainda que cego de noviço, leio.  
Ainda que raro na ousadia, muitos.  
Ainda que mudo de cansaço, broto.  
Ainda que em dissolução, inteiro  
como nunca.





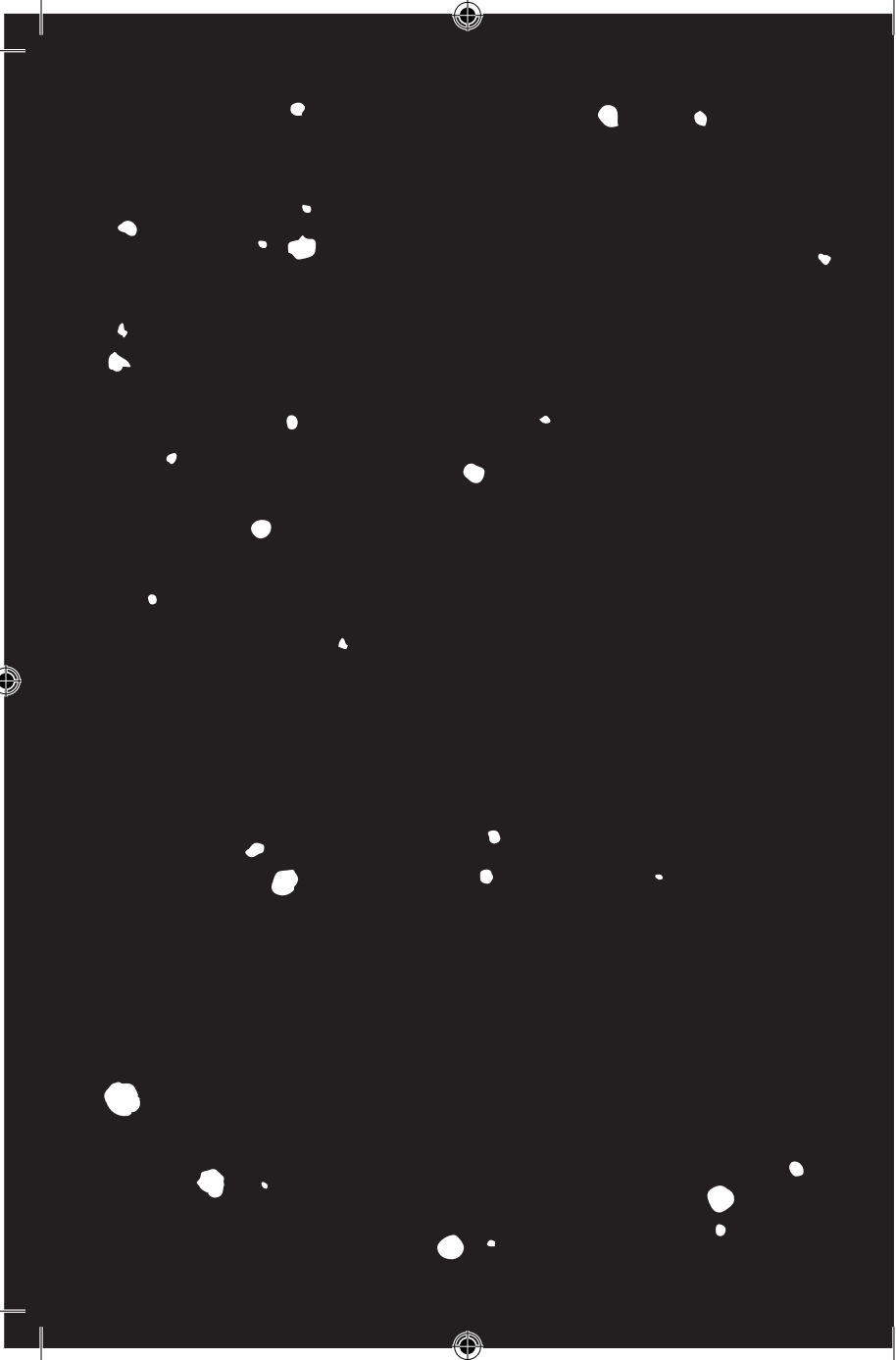


## Avestruz

2006

O rosto se afogueia  
O coração desconcerta  
É duro viver com esse corpo vestido  
e essa alma descoberta.







## Menino cuspidado

2006

“Mãe, tô com frio”, disse o menino  
doente.

Primeira frase, em dez anos de silêncio.  
Ele esperneava, empurrava a porta e  
vazava da canaleta.

Riqueza maldita que ninguém quer  
pilhar.

Saído das frestas, murro inquieto  
nas entranhas.

O menino quase ficou velho sem  
deixar de sê-lo.

Um dia foi cuspidado, meio hesitante,  
olhos ofuscados pela luz,  
pele enrugada de desuso, boca  
apertada de medo.

Já nasceu sabendo que nenhuma  
dor pode ser mais forte que a  
do cativo.









## Escaravelhos

2007

Estivesse o intangível conquistado  
Estivessem novos intangíveis colocados  
– talvez um pouco –  
Se eu ao menos tivesse conseguido  
adormecer o louco  
que faz tranças em meus pentelhos...

Quem sabe assim, poderia colecionar  
escaravelhos?

Fumar cachimbo e ler livros  
com ares de sábio?

Mas ao céu confuso que cerca esta nau,  
não há astrolábio.





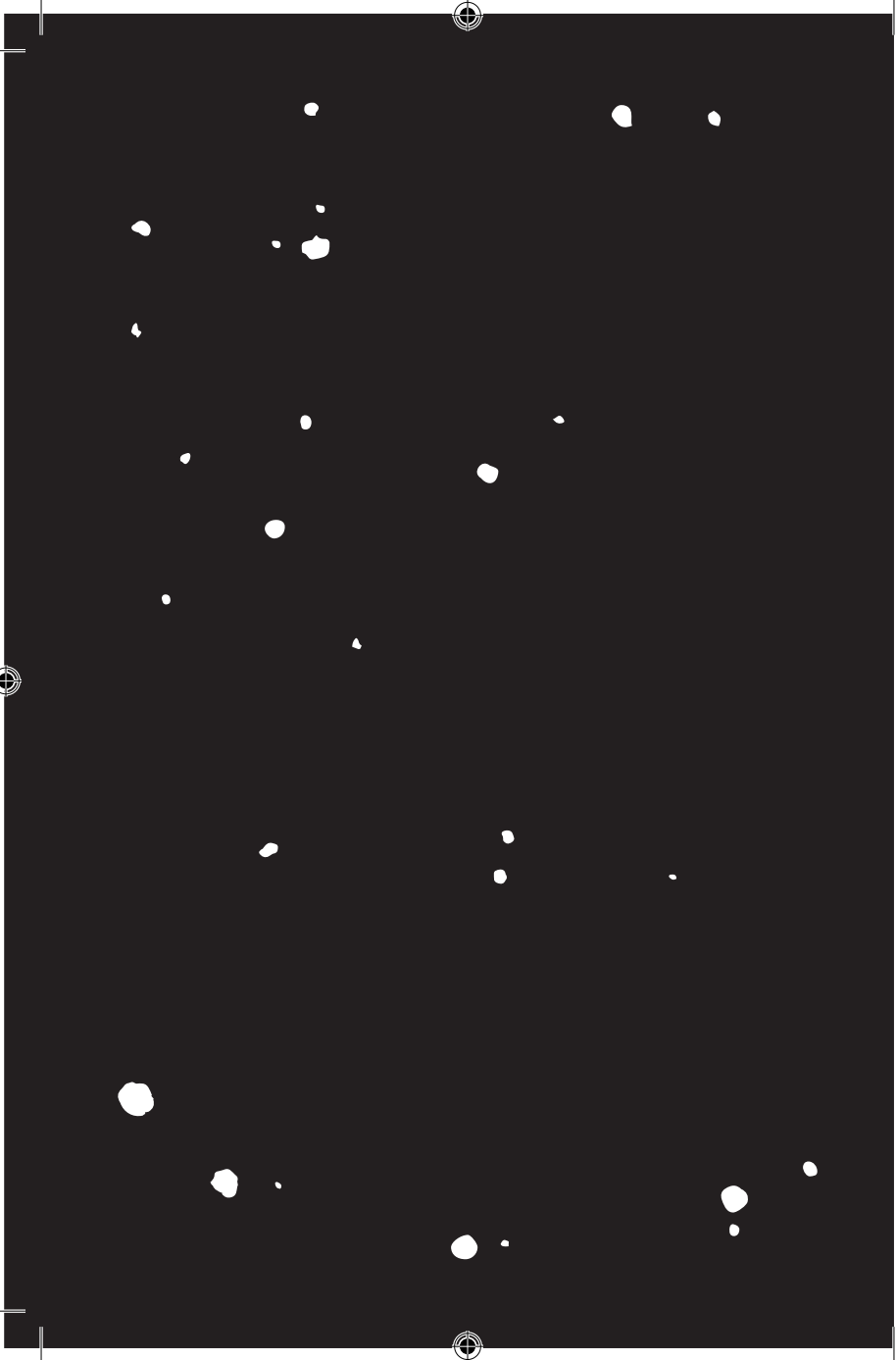


## Pressa

2007

Quem espera sempre.  
Quem espera o básico.  
Quem espera para o essencial.  
Quem espera tem pressa  
de que a mágica aconteça.







## Laço de família

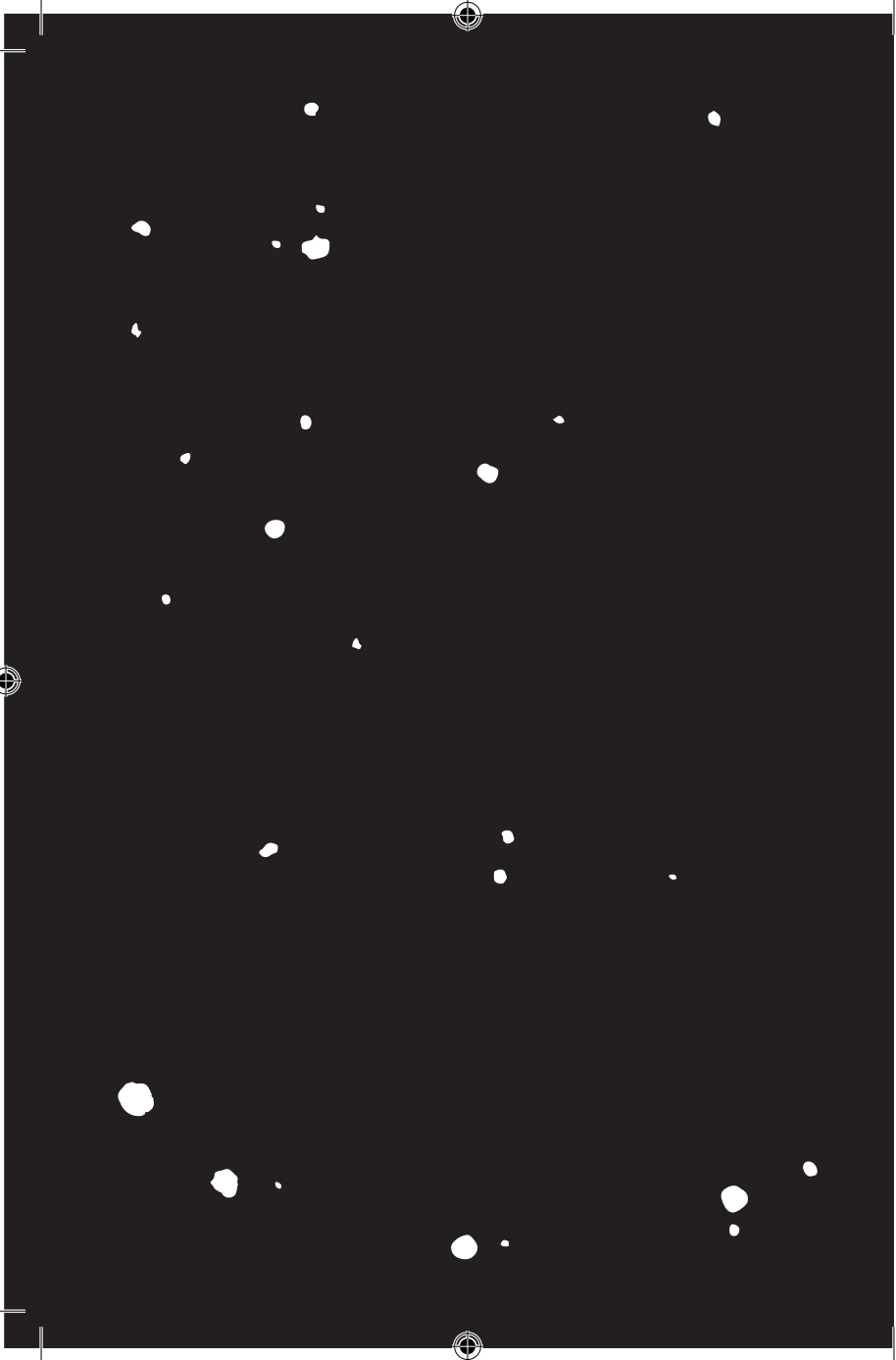
2008

Na meia manhã meus olhos  
recortam o quarto  
em estreitos ângulos baços  
Meus ouvidos pouco criteriosos  
rastream as pás do ventilador no teto.

Porque os grandes sentidos falham,  
o tato indica teu corpo quente preso  
confiante às minhas costas  
como se eu fosse o último galho  
da correnteza  
Logo eu, que nunca tive certeza, vigio  
meus tesouros na manhã de sábado.

Nossa menina-moça dorme  
instabilizada pela vida  
num colchonete a nossos pés.  
Você faz do meu calor teu cobertor e  
eu tento reter tudo isso em meus papéis.







## Valete

2008

Breve, breve, breve.  
Leve roçado de faces que piscam  
Quem disse que eu não te sabia  
muito antes de ver?

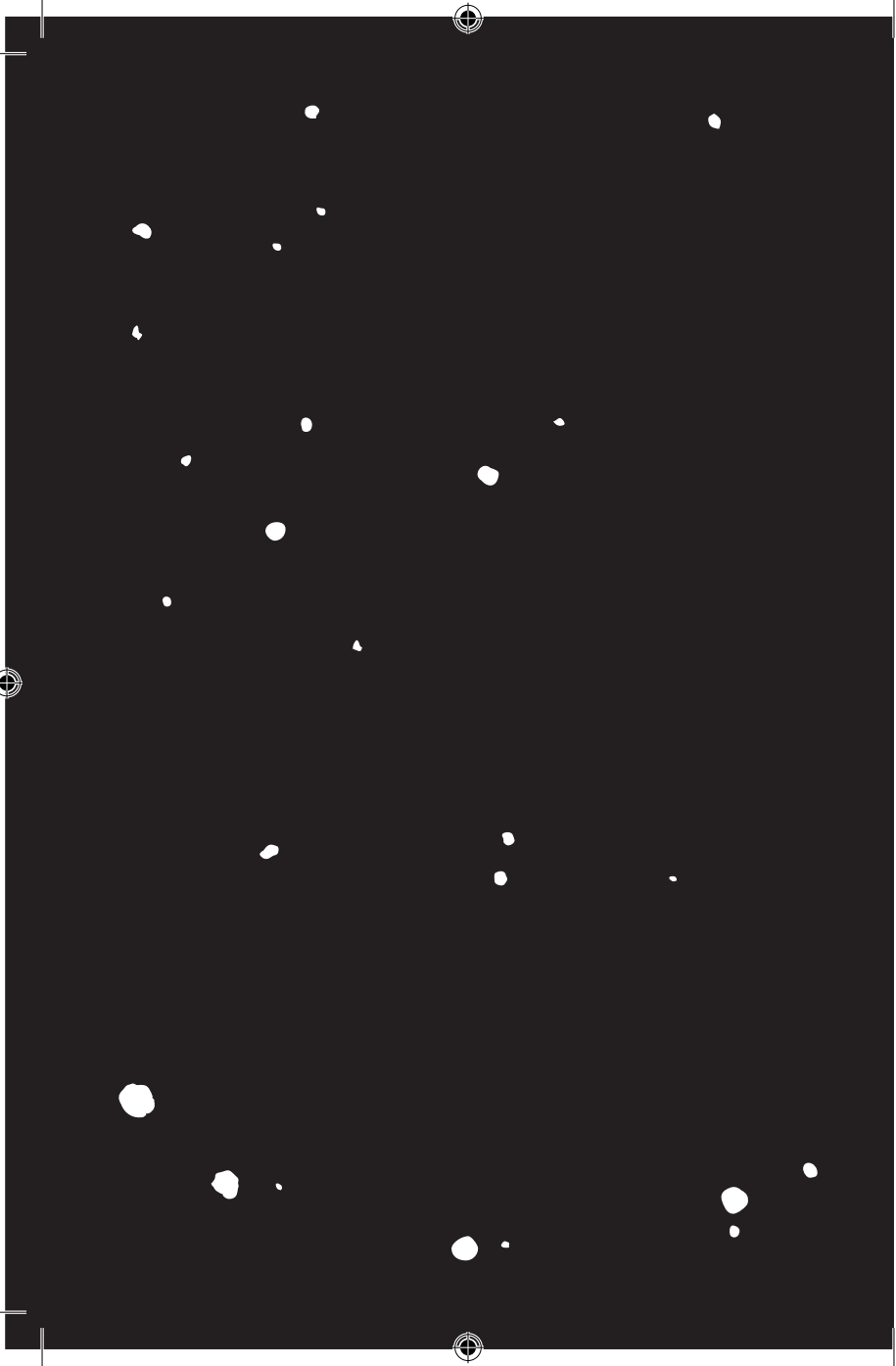
Neste reino há sempre braços  
pra matar e fazer viver.

São insondáveis as belezas ocultas  
no traço da curva  
que o destino sonso  
esconde mostrando;

Seduzem os convites ao sono profundo  
impressos na pele de quem sofre e ri  
de quem sofre e goza lá e aqui

Disponho a carta na mesa:  
que venha o valete curvar-se à rainha  
que aqui como lá, vale muito mais.









## Straight fantasy

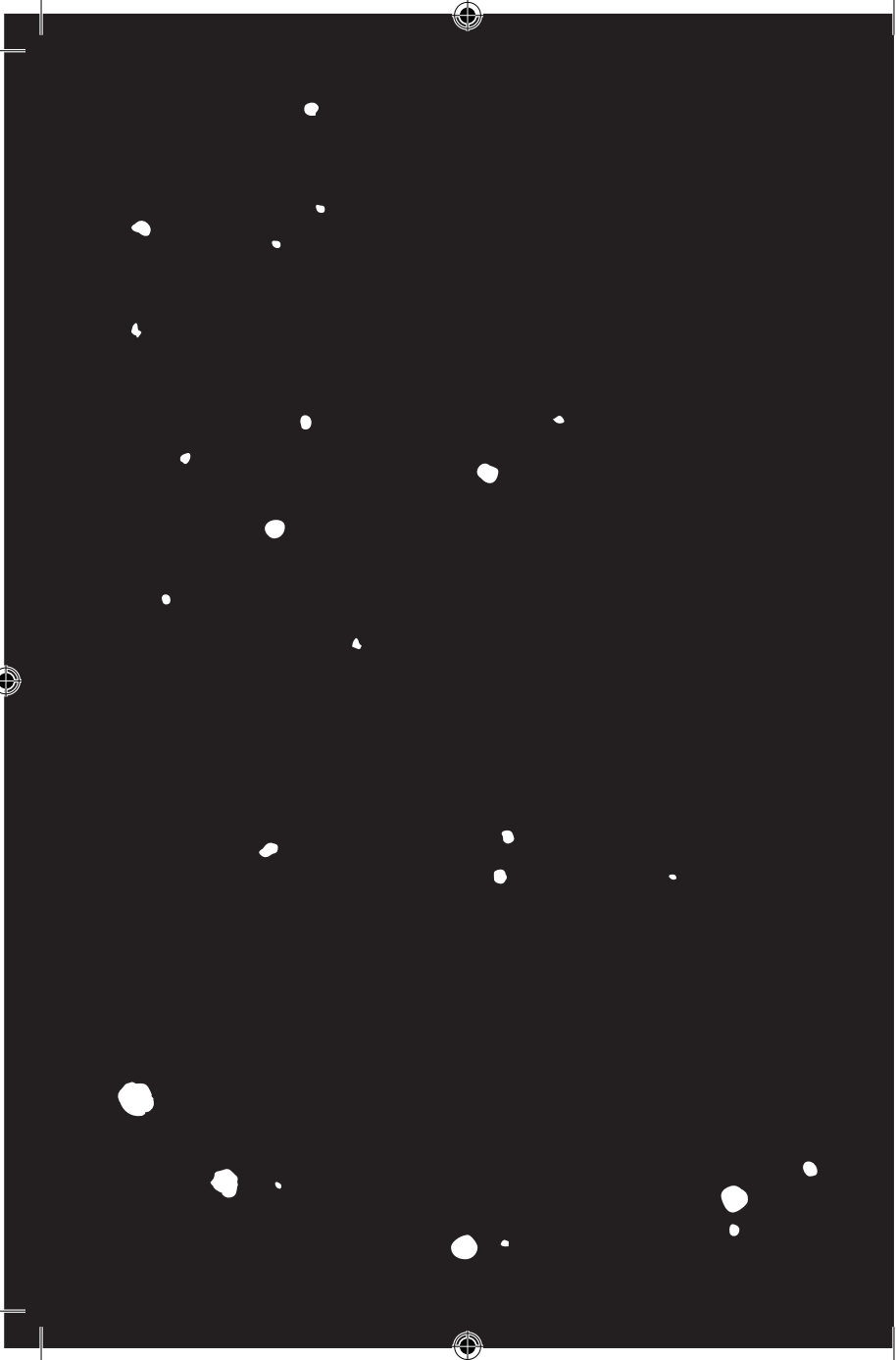
2008

Falo que vou mudar você pensa  
em falo  
que vou mudar, mas como  
um sapo a coachar  
na expectativa da lagoa segura

Não dura a fantasia alucinada  
por ti, não por mim anunciada  
Eu de straight, não terei nada.

Sou sapo único na espécie  
e pra ele nenhuma lagoa é  
confortável.







## Do ouro

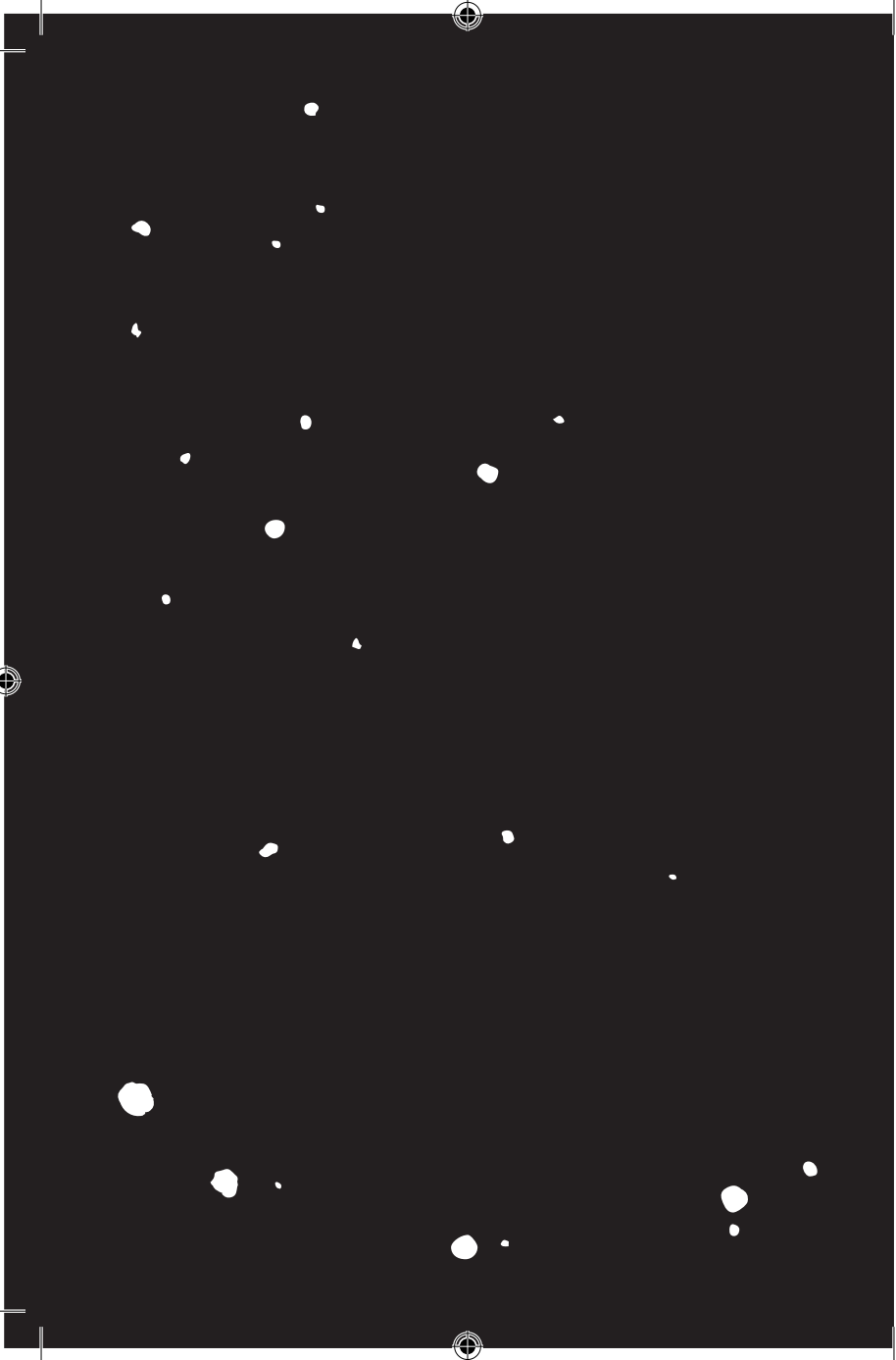
2008

Diziam os antigos de um pote de ouro  
que a quem cruzasse o arco-íris,  
aguardava.

Diziam mais:  
que as mulheres que se deixassem cobrir  
pelo arco, homens se fariam.  
Que homens com igual coberta,  
ganhariam tetas, perderiam paus.

Os antigos só não disseram que o arco  
era o genuíno ouro que o pote  
escondia.







## Carne viva

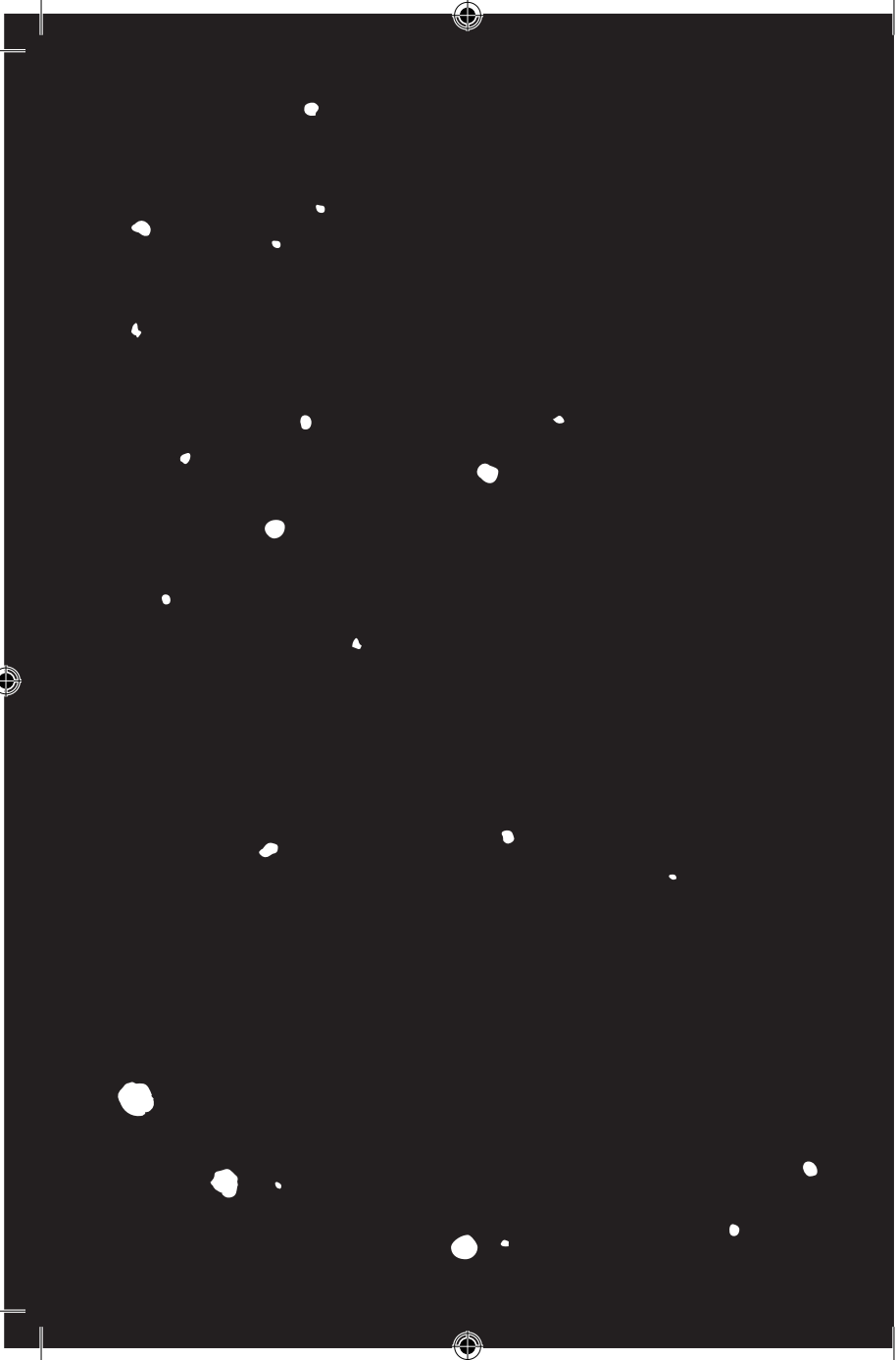
2009

O corpo salta pra fora  
eu salto no corpo  
e ele corcoveia  
feito touro ou baleia  
que arpoada arrasta, serpenteia.

Responde com músculos alargados  
Pêlos descobertos  
cheiros imprevistos  
contrações intestinais  
(como quem gera)

A barriga incha  
nada sai além de medo.  
E a felicidade abjeta se projeta,  
como um pênis.







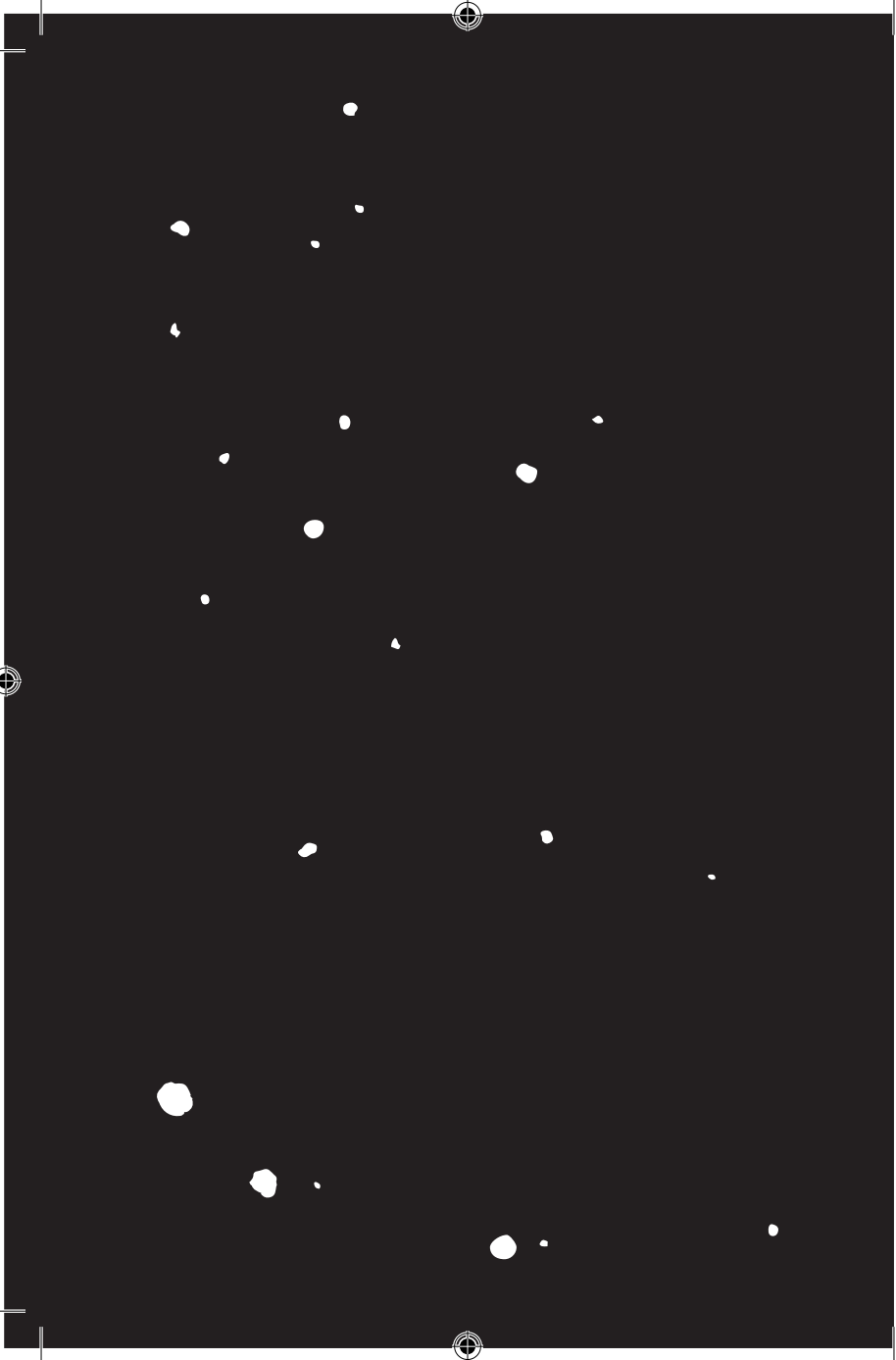
## Buscador

2009

Tivesse eu vindo ao mundo  
assim-assim  
tão pouco saberia o mundo de mim  
Ao me expelir assim-assado  
fez-me estressado  
e buscador.

Busco, busco, bruscamente,  
outra arte de ser  
E quanto menos encontro, mais  
descubro  
No fundo do pote, um novo pote  
No fundo do alívio, um desconforto.  
No fundo do desconforto, história.









## O conto que não contou

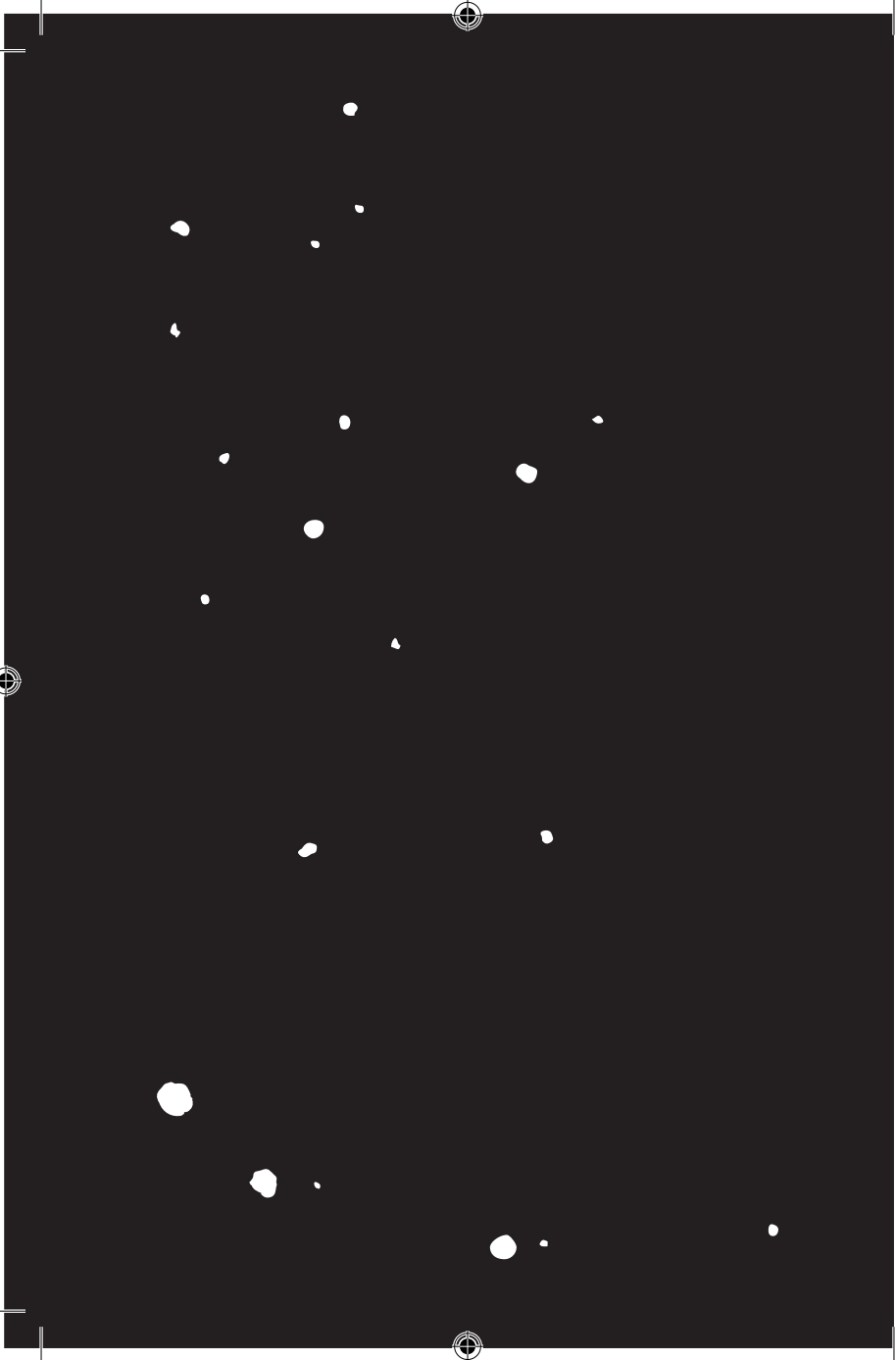
2012

Deitada a princesa em arca de vidro.  
Pálida fronte, maçã lhe atravessa,  
rouba-lhe o ar, mata-lhe a vida,  
quase liquidada.

Ela já não dorme, está em coma.  
Mas toda a arca balança  
e a maçã se desloca para que ela note  
que nunca dormiu e acorde.

Vomita a maçã, vermelha pasta morta,  
Esporra num jato quente e farto  
que encharca os anões e a revela  
príncipe.







## Cheiro de senzala

2009

Às vezes partir. Caminho mais curto  
até mim.

Encontro do comum, banal respeito  
negado.

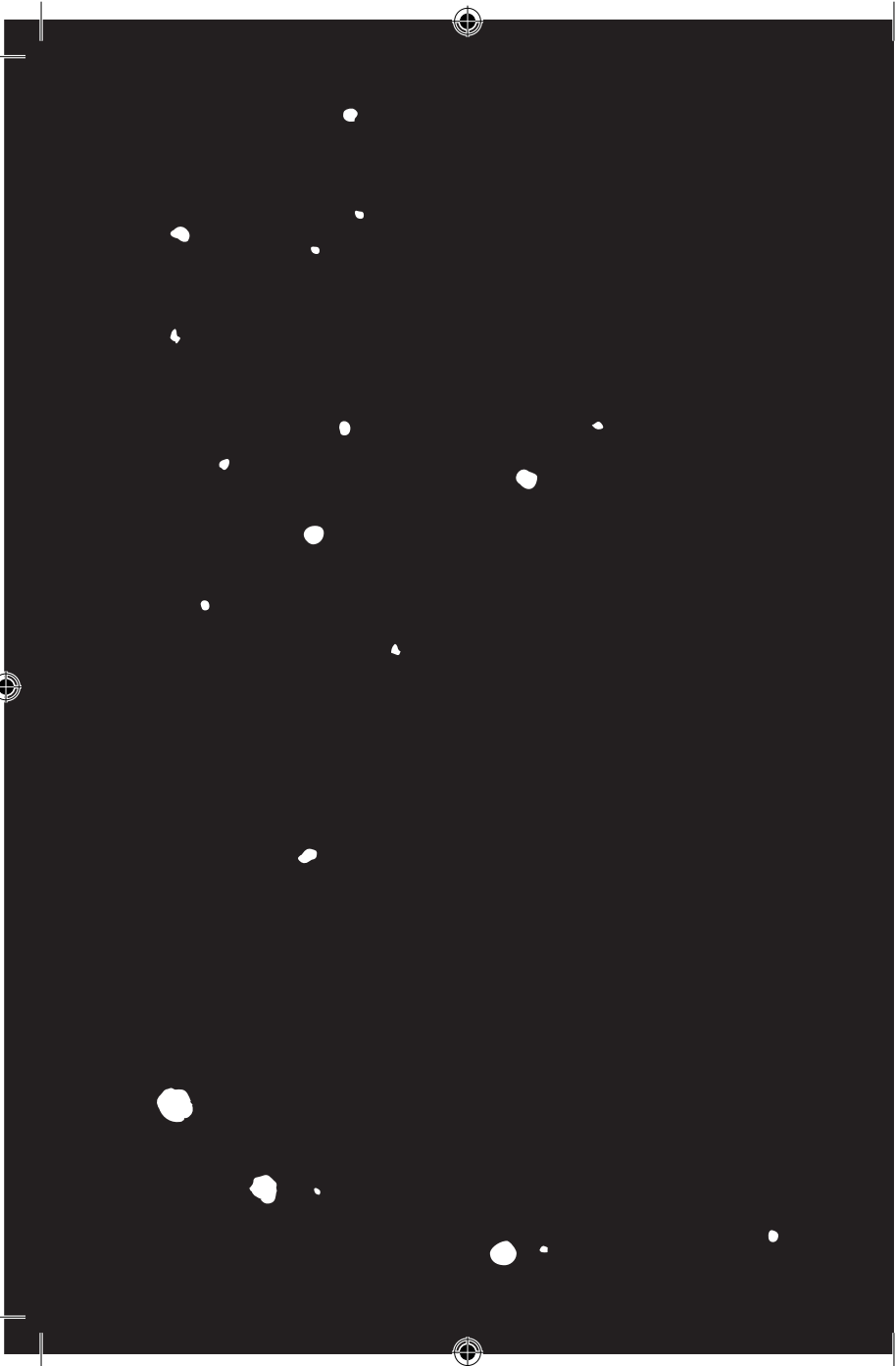
Escondido em lugar inexplorado.  
No medo eterno de ser revelado.

Mas não há saída, ainda quando  
não houver motivo para temer  
ser distinguido.

Este gosto na boca, a amargura  
do ex-escravo.

A quem a liberdade não suprime  
o cheiro de senzala que  
ninguém sente,  
pois mora apenas na solidão  
das próprias mucosas.







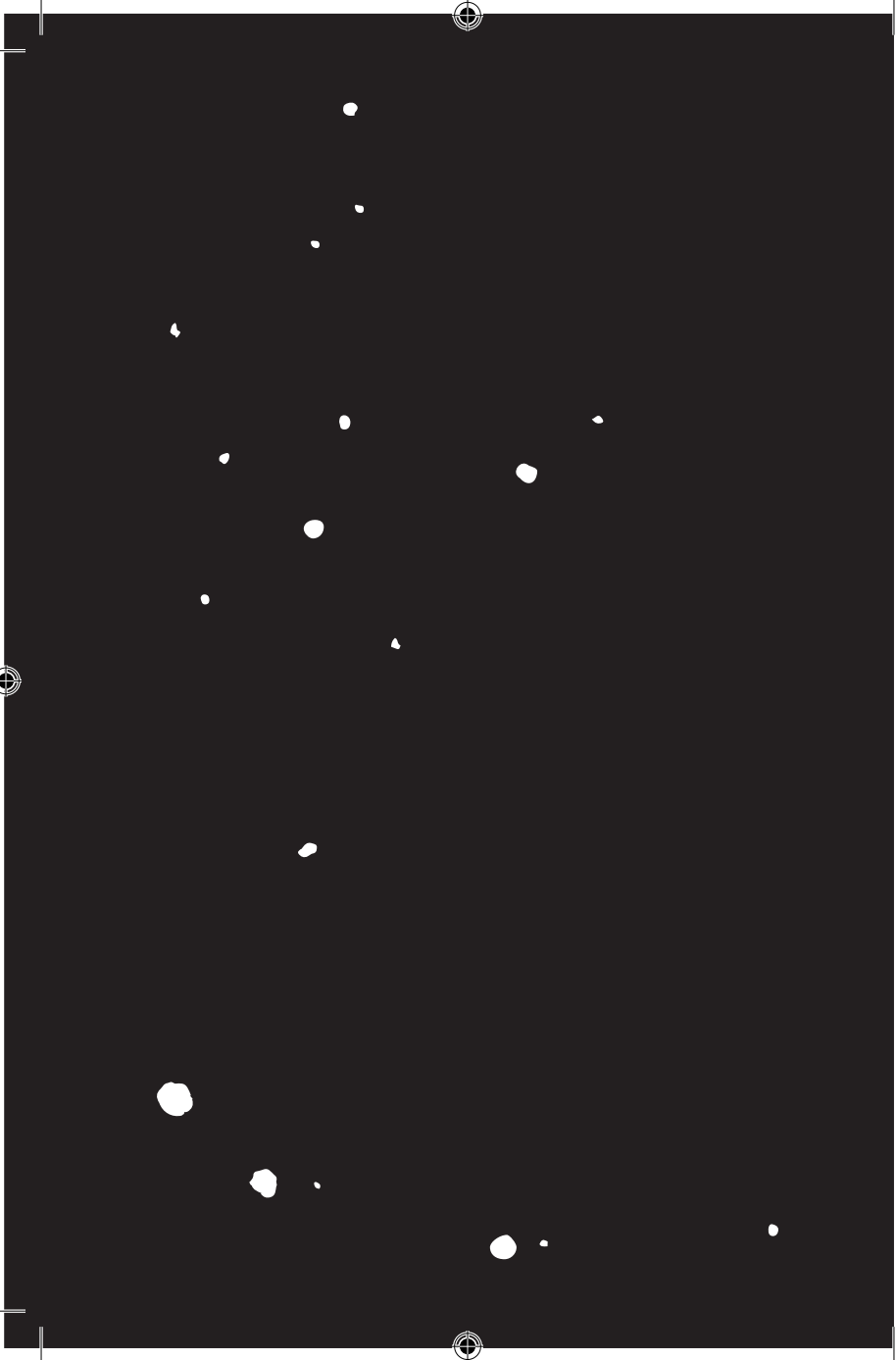
## Legião

2009

O fascismo do papa não pode.  
Do pastorzinho de esquina, também não.  
O deboche dos que amam com cartão  
de ponto, não pode.  
A arrogância dos juristas que nos negam  
o nome, também não.

Contra todos eles, a história.  
Não só vivemos, mas saímos de úteros  
nobres e pobres, abandonados  
ou vasculhados.  
Somos legião, ora demônios, ora  
soldados, mas nunca suprimidos.







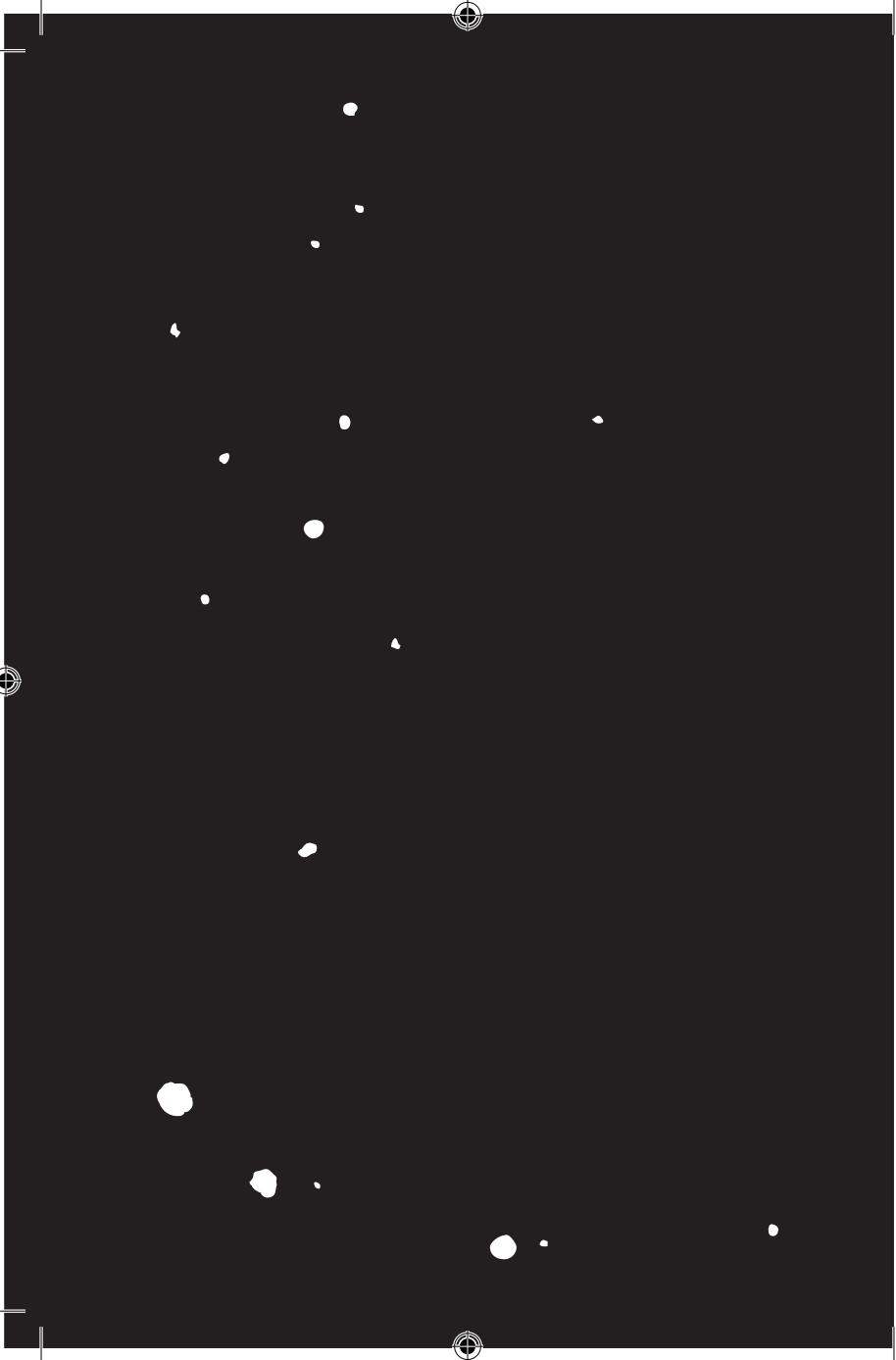
## Fórmula

2009

Em praça pública, nu, sigo  
com os passos irresolutos de um roedor  
Não é confortável viver na condição  
do que para a multidão é loucura.

Criando vivo, incerto vivo,  
sem fórmulas de segurança ou felicidade,  
vivo  
e jamais me senti tão humano.









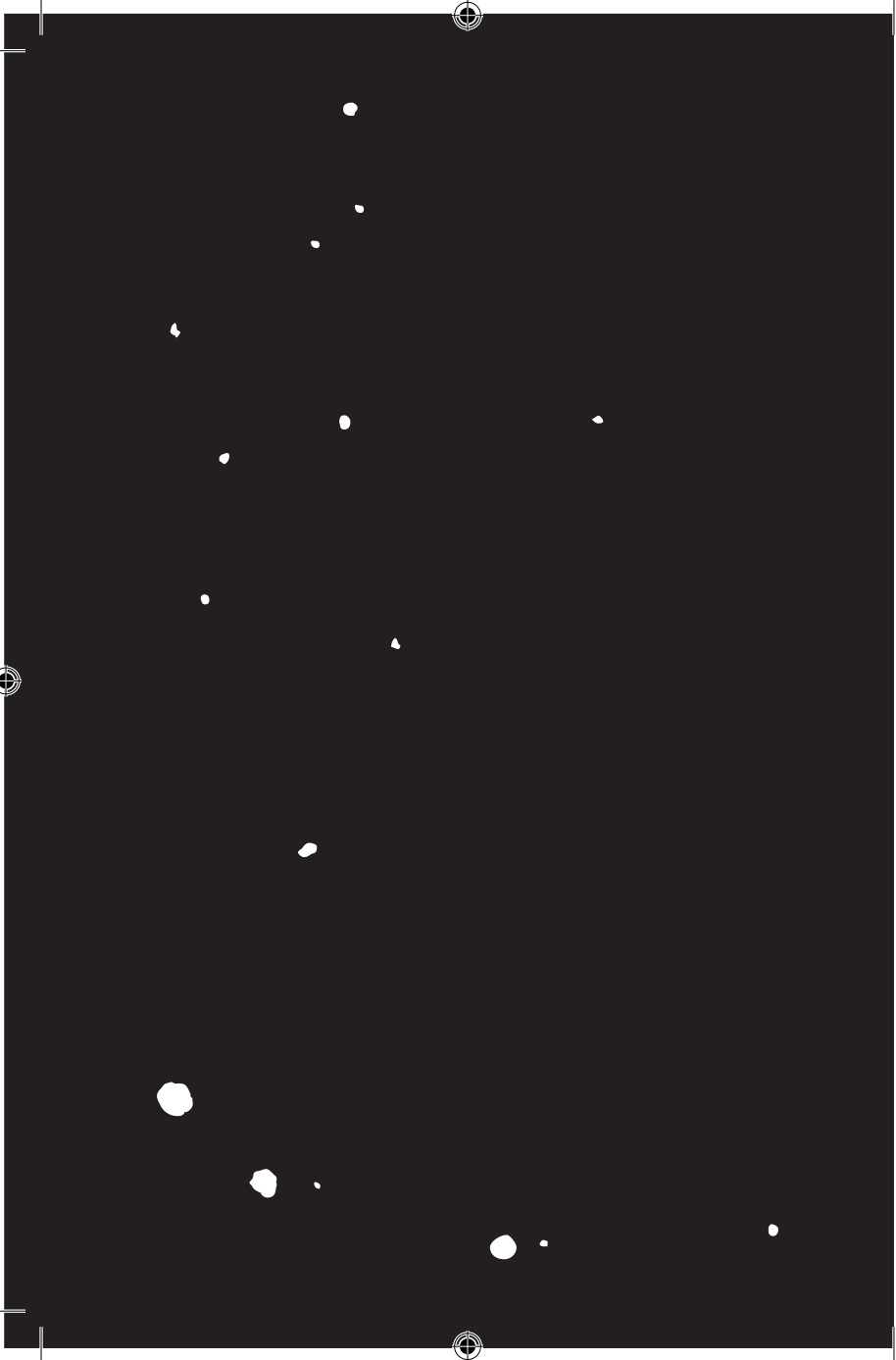
## Pelo túnel

2009

Perdão pelas cicatrizes  
Eu as trago várias e definitivamente  
Oxalá tivesse pele lisa sob transparente  
camisa.

Mas a história me quis opaco  
Preso no saco das cismas sem certeza.  
das madrugadas de ranger de dentes  
desafio da versátil natureza.







## Shitake

2009

O outro gerado, parido, salta.  
Na queda da própria altura.  
Já não é o outro, mas duelo íntimo,  
    sangrento, pele contra pele.  
A mesma pele, a estranha pele.

Alguém chama pelo antigo que é  
    o outro,  
que é a outra que agoniza.  
O recém-nato responde indeciso:  
serei eu ou será a outra, a bem-amada,  
    a tão lembrada?

Passa do momento em que precisam  
    fundir-se:  
o cadáver respeitável e o neonato  
    aguardado.  
Metáfora vegetal ou animal não  
    me serve:  
precisei adentrar o reino fungi.





Ao fazer da matéria morta berço  
da única possível vida,  
aprendi a plantar cogumelos.



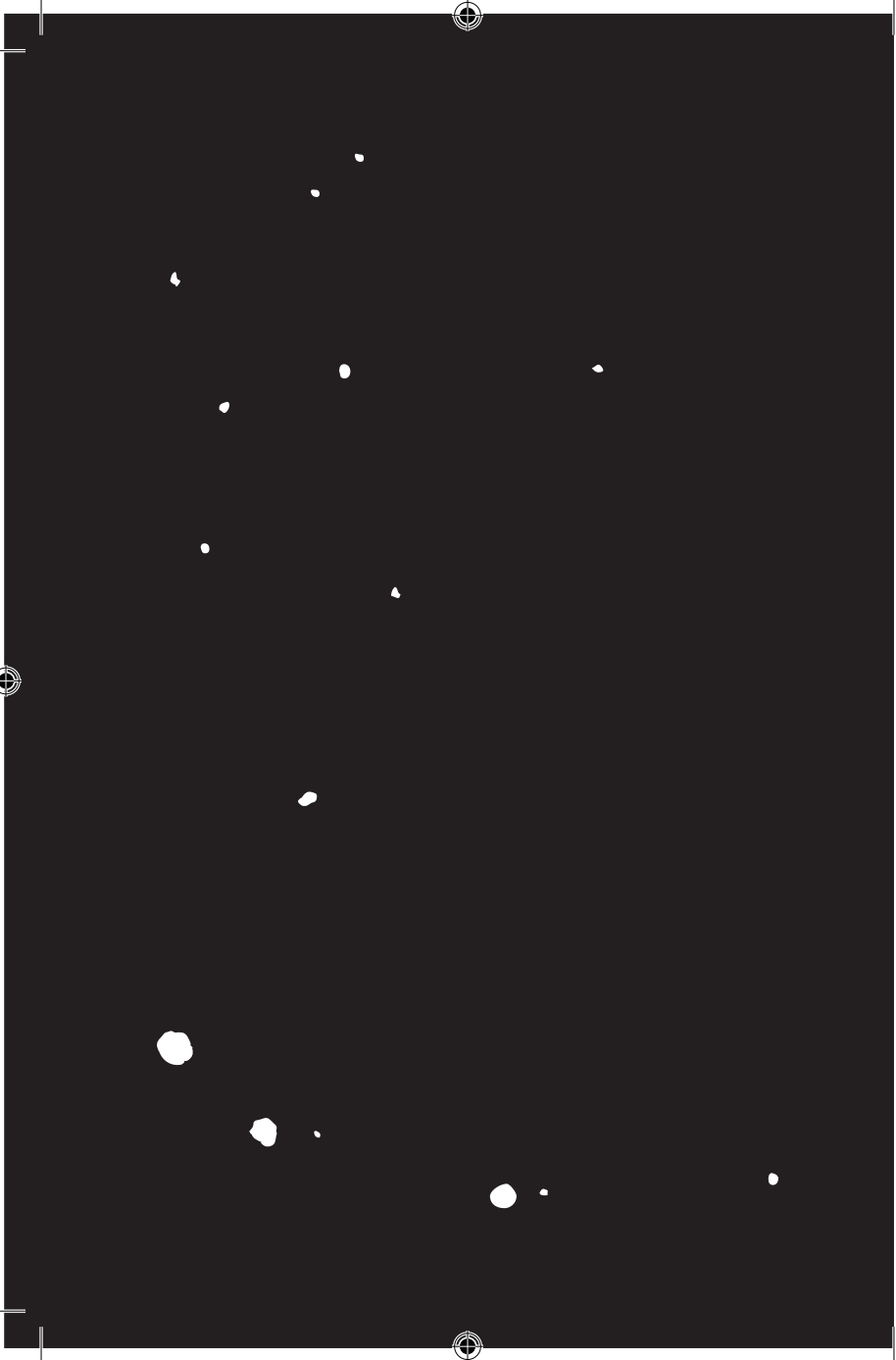


## Tudo é possível

2009

Peixes soltam bolhas na Guanabara.  
Passarinhos cantam alegres nas manhãs  
    amarrotadas da Lapa.  
Garotas da favela viram artistas.  
Nordestinos mortos de sede criam forrós.  
Estudantes de faculdades vagabundas  
    fazem teses.  
Ladrões devolvem crianças esquecidas  
    no carro.  
Prefeitos abrem mão de mandatos.  
Eu sobrevivo.  
Tudo é possível.







## Vergonha

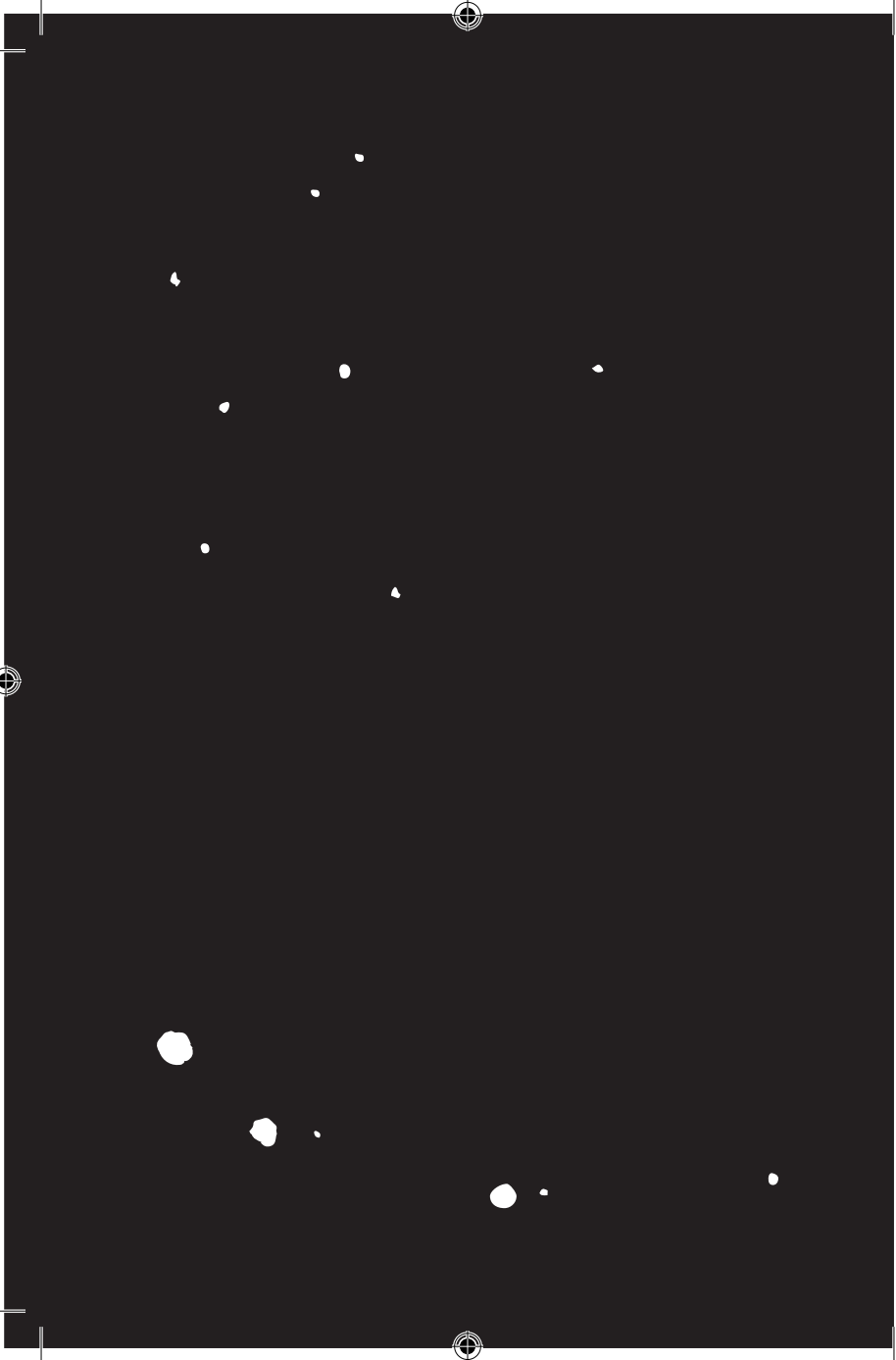
2009

Quebrou o pára-raio.  
A tempestade é contínua, pequenina.  
Desarranjo intestinal constante e frugal.  
Eu digo e proponho festa.  
Dentro de mim, silenciosa floresta.

No palco diário da desordem feita a mão,  
a vergonha dança.  
Eu a interpelo: "Por quê...?"  
Ela sorri esnobe como quem grita ao  
garoto de província  
que sempre serei: "Sofra, pois serei  
sempre indispensável".

Só que eu respondo a ela:  
"Perdeste a mística, já posso falar de ti.  
Fui ao teu extremo.  
Para quem bebeu cada gota e já morreu,  
não existe mais veneno".









## Condomínio

2010

Eu não era protegido, mas achava  
que estava.

Escapava da bala frontal, mas não  
da punhalada lateral.

Eu não sabia de quase nada.

Não procurava saber. Eu não podia saber.

Tivesse eu consciência de que meu rabo  
escapava por baixo da saia,

De que o olhar do gato me sorria  
(noite e dia), morreria.

Meus esconderijos eram frágeis:

um grito grosseiro na rua lembrava  
regularmente quem eu era.

Dissimulado, contido, tolhido, parcial,  
dormitando pesadelos, simbólico  
faquir.

De nada me valia, ainda assim eu era  
o perpétuo estranho.

Eu não tinha escolha, mas achava  
que tinha.





Nunca fui bandido, mas me escondia.  
As sombras, os restos, os poucos  
manifestos, o tratamento de  
segunda,  
no lábio pendente um piercing mal  
colocado: a permanente e repulsiva  
súplica por aceitação.

Hoje me permito ser risível. O muro  
não protege mais o meu quintal.  
Estou de cara pra rua.

Quando conto minha história para  
alguns, arrancam-me a roupa com  
os olhos, comem-me as entranhas  
com os pelos e tudo, decompõem-  
me, digerem-me com azia, sou  
bicho raro, rebaixam-me.

O consolo é que não peço mais licença,  
não lambo as botas dos meus  
carcereiros.

Podem não me convidar à sala, mas não  
aceito lavar os banheiros.

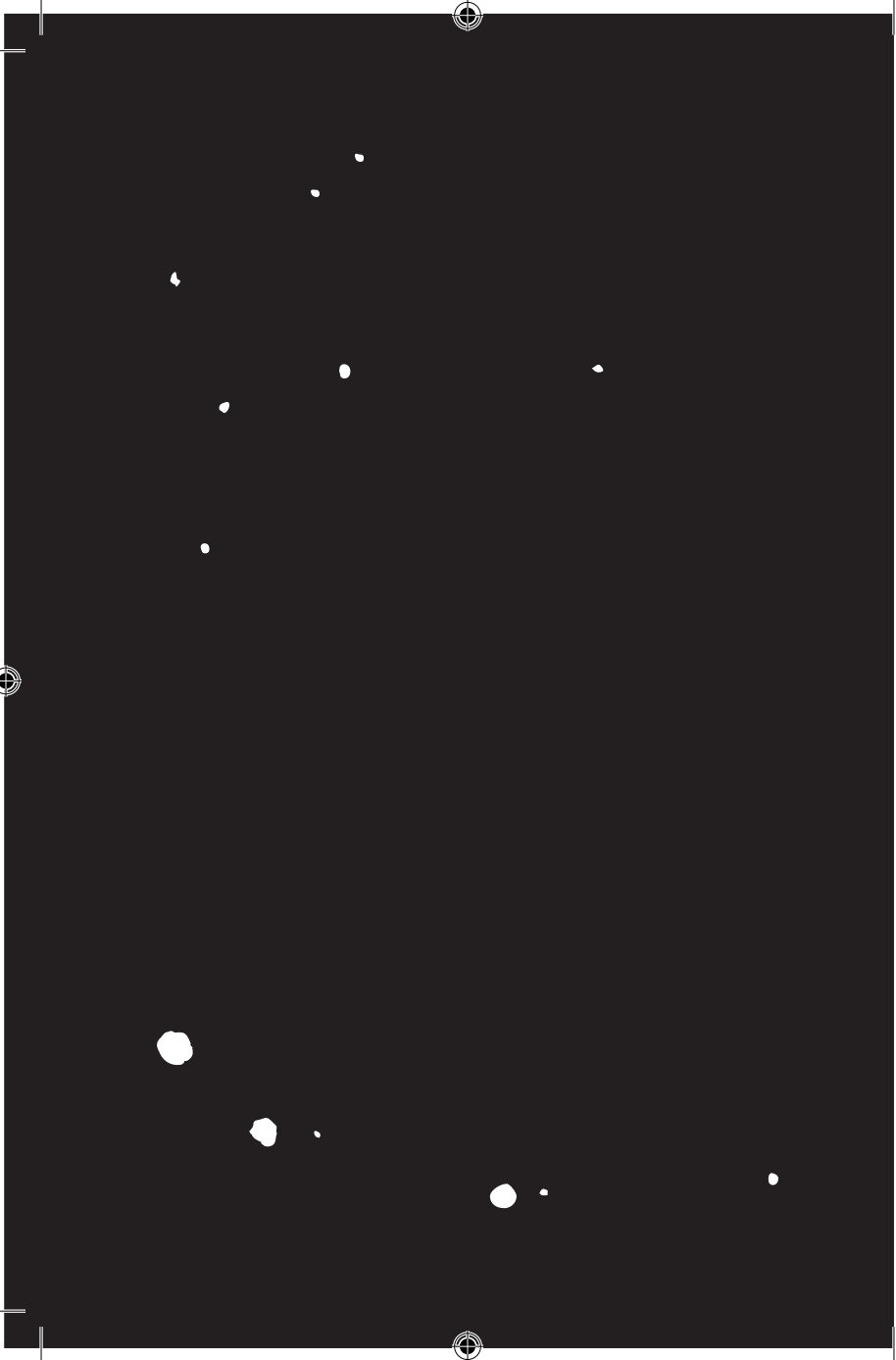
Se esse é o melhor caminho,  
eu não vou discutir.





Esse é o meu condomínio: não alugo  
pra terceiros.







## Guardados na gaveta

2010

Dentro da gaveta mora uma parte  
da vida.

Não a parte óbvia:  
fotos que retratam um outro,  
arremedo de si,  
cartas de amor leves de sentido,  
documentos que não comprovam.

O óbvio não mora na gaveta: morre  
na fogueira ou segue assimilado.  
A parte da vida que mora na gaveta  
é passado não vivido,  
passado sequestrado e nunca resgatado,  
futuro que não virá.

Na gaveta mora minha primeira pelada,  
a pipa destruída na fiação, minha  
primeira poluição, a corte à primeira  
namorada, a rejeição do serviço  
militar, o peito nu de calouro  
pintado de tinta, ela dizendo que





está grávida, o filho doente, o tédio  
conjugal... ops!

O passado sequestrado não mora dentro  
da gaveta da imaginação.

É etéreo nos vastos territórios  
do inconcebido.

Abro de novo a gaveta. Olhando bem,  
ela não está vazia.

Na gaveta moram os jogos de vôlei que  
joguei na rua, minha bola perereca  
que caiu na lama, o primeiro beijo  
que dei numa mulher, a certeza de  
que ninguém deveria ser militar,  
o peito nu craquelado como um  
mapa, ela dizendo que está do meu  
lado, a enteada rindo com a gente  
na hora do almoço, a alegria... ops!

O passado vivido dá jeitoso na gaveta  
da fortuna.



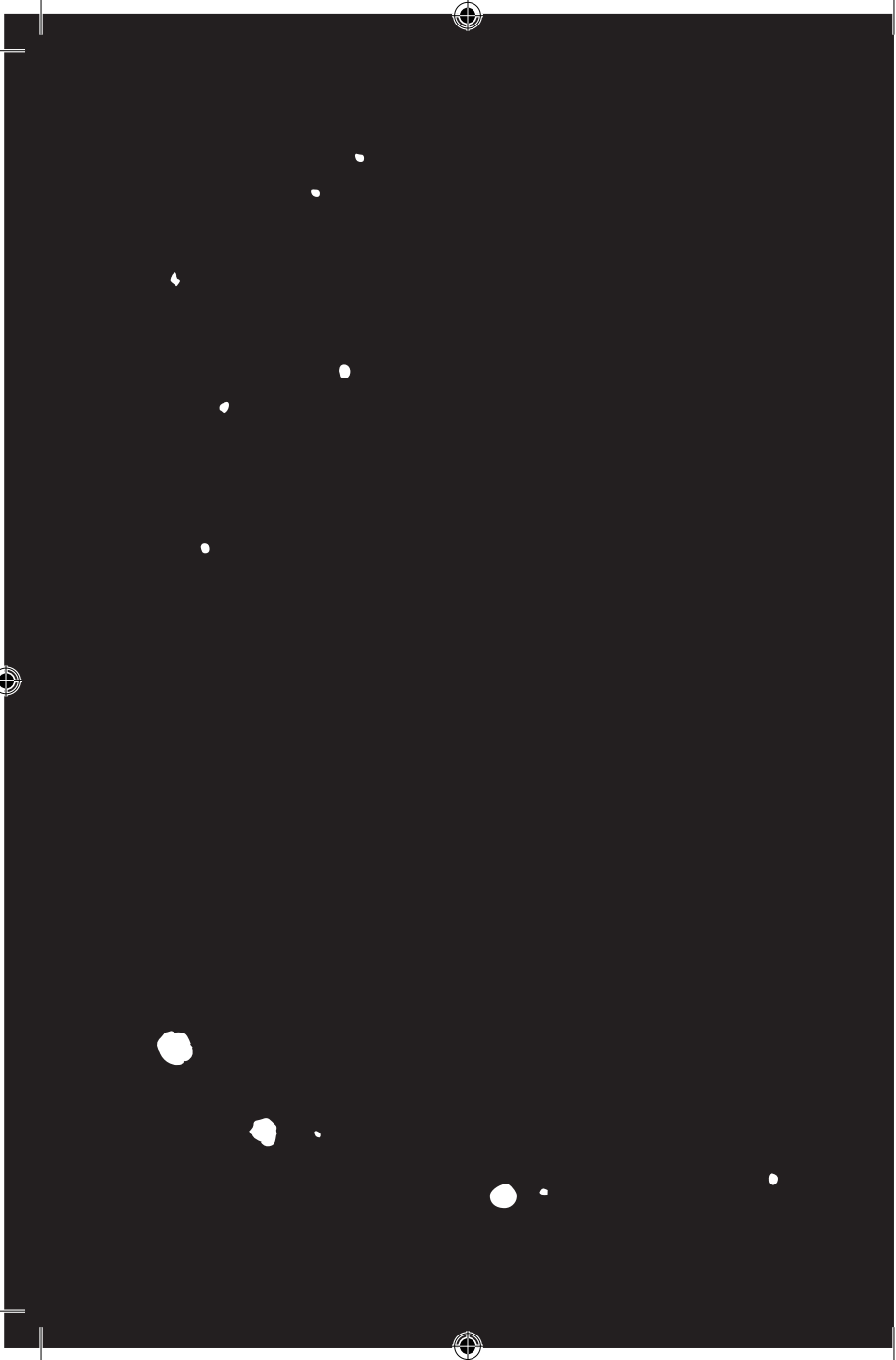


## O homem entre dois rios

2010

Irreplicável experiência.  
Vida cozida com curry.  
O espelho não espelha você.  
O homem que quer o encontro  
e a distância,  
que quer tradução do seu delírio  
mais hermético,  
também quer ignorância.  
Quer ser profeta de eras de absolutos  
humanos direitos,  
Mas também quer silêncio.  
Quer ser insondável feito rocha  
E como um mafioso esconder-se,  
evitar assédio.  
No fundo teme que falar demais  
o mate de tédio.  
No fundo teme que calar demais  
o mate de raiva.









## Petição

2010

Eu, que não dirijo,  
não entendo nada de mecânica,  
não sei escalação de futebol,  
não gosto de matemática,  
peço inscrição.

Eu que nunca fui violento,  
que não gosto de avião,  
que não nasci com pênis,  
que detesto competição,  
peço inscrição.

PS: sou muito abusado.





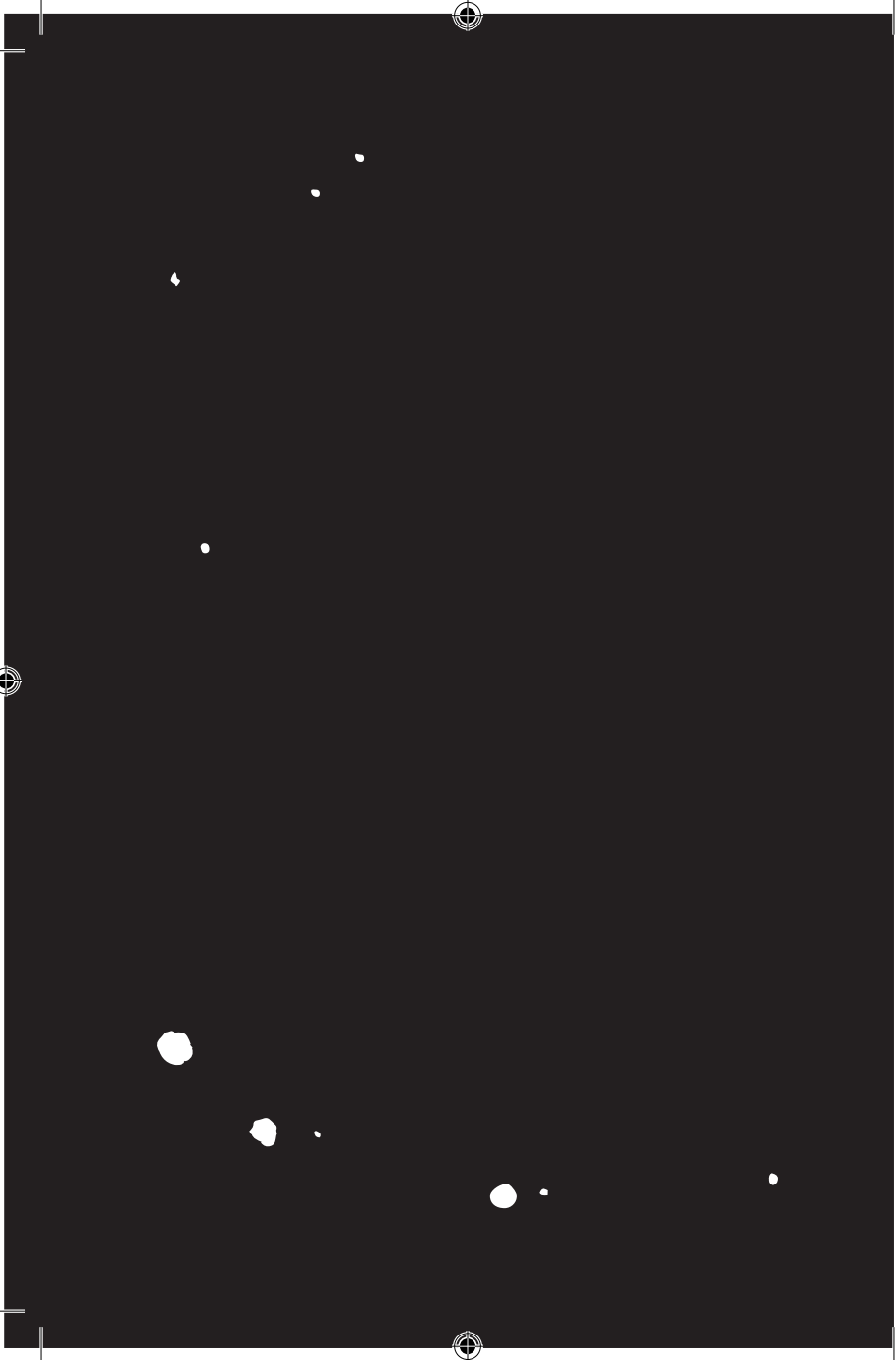


## Tarjas

2010

O corpo polvilha-se em  
cicatrices-tarjas.  
A emenda não oculta o passado,  
nem pode pretender.  
A loucura trafega aqui e ali, atenta.  
A cicatriz reinventa o sujeito.







## Vertigem

2010

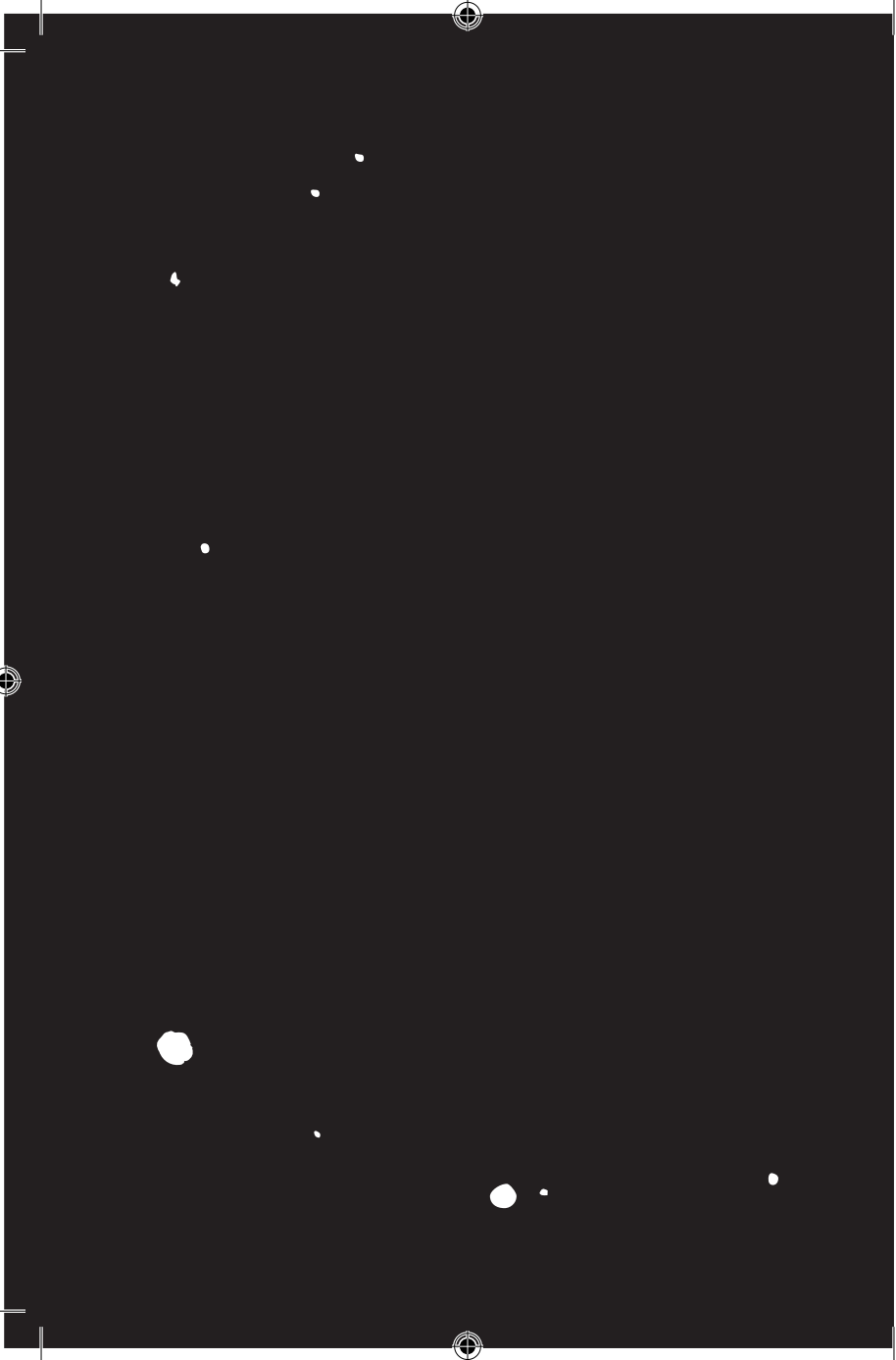
Somos todos cortados,  
mal cicatrizados.

Cicatrizes na carto/coreografia  
profana dos corpos inventados.

Aceitamos os machucados, cicatrizes  
são despojos úteis da batalha  
contra o fatalismo.

Esperando mais cortes, jogamos,  
dançamos, trepamos e dormimos  
na beira do abismo.







## Derradeira

2010

Aí estive o busilis minha senhora  
Há duas décadas atrás para ser preciso  
Nem eu pude lhe dar a resposta correta  
senhora,  
mas tudo estava correto senhora.

Eu amava a sua filha, e o século XX  
ia rumo ao seu final.  
Os celulares eram gigantes e a moeda  
era nova.  
A insegurança era grande como o era  
o amor por sua filha, senhora.

Eu era em quase tudo e em quase nada  
o genro ideal.  
Faltava-me o nome, o rosto, o  
documento, a grana, os pelos e  
o escroto.  
Nosso amor esfiapou senhora, pela sua  
interferência, fez-se roto.





Como tínhamos jogados sobre o macio  
edredom azul,  
nosso amanhã derreteu como gelo  
no chão sujo do bar.

Por isso eis-me aqui senhora:  
cansei de chorar aquele já tão distante  
cadáver.  
Vivi meu luto, refiz meu rumo,  
suturei meu corte  
E hoje me sinto quite com a sorte.

Sua filha segue tentando escapar  
senhora.  
Seja gentil com ela, ela foi gentil  
consigo senhora.  
De uma gentileza terrível com ela.

Como nas grandes guerras terríveis  
da vida,  
não houve vencedores, só feridos.  
Resta-nos transformá-los, depurá-los,  
decantá-los e absorvê-los.

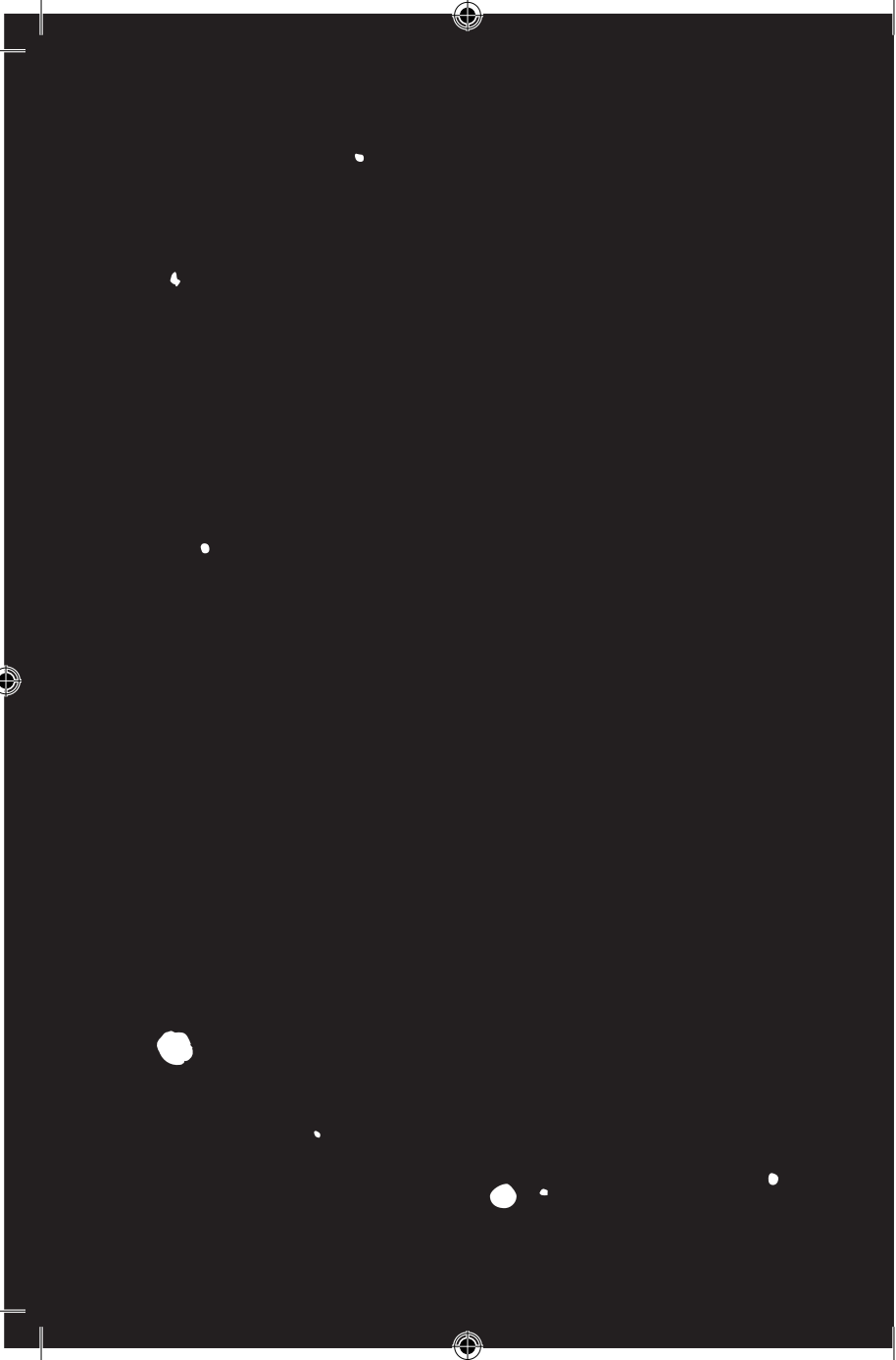






Restou em mim o temor pelos  
excessivos zelos e uma progressiva  
falta de cabelos.  
Encontrando o busílis e perdoando-nos  
mutuamente pudemos seguir.  
Assim me despeço senhora.





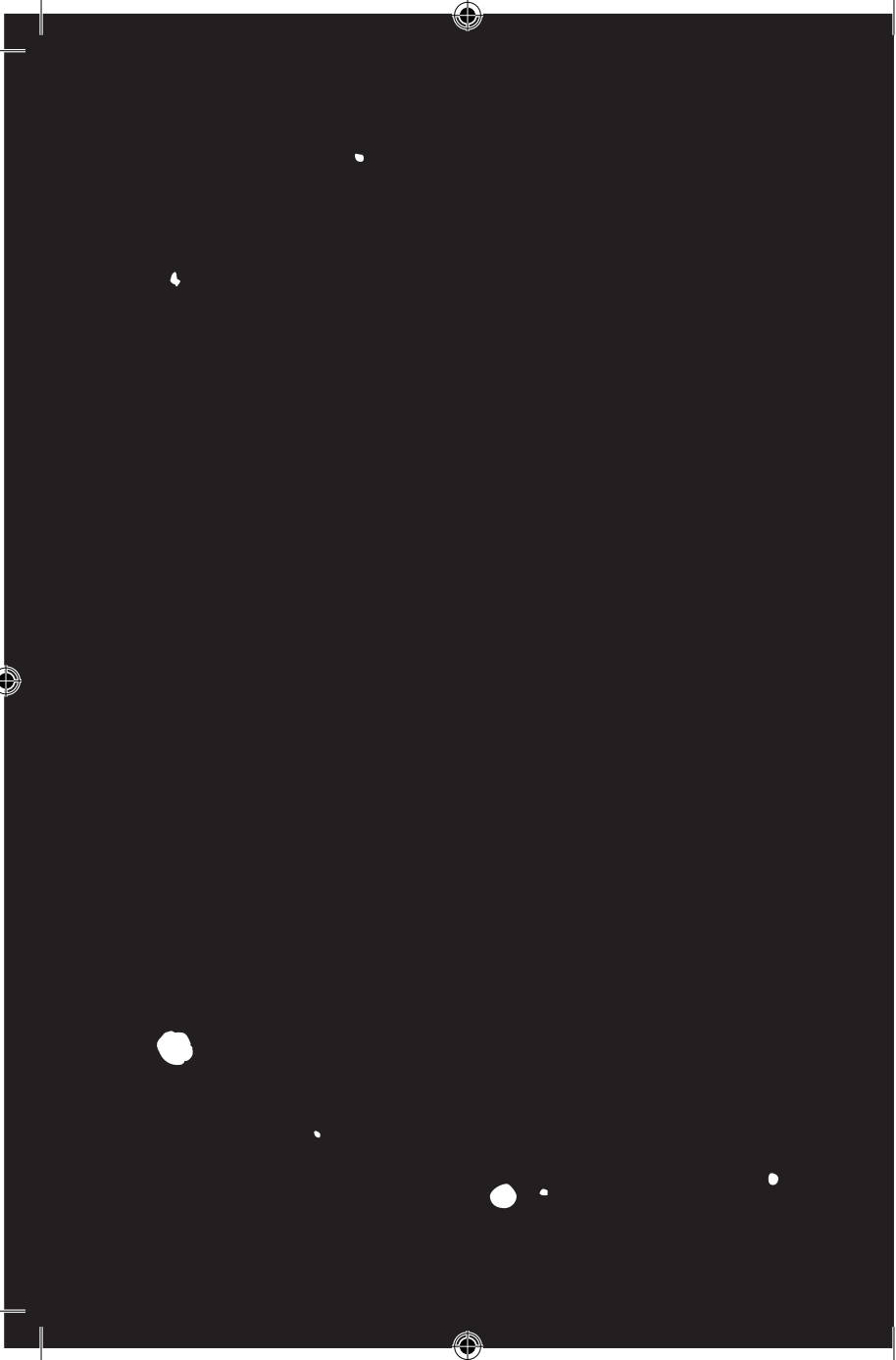


## Na esquina com Zé Maria

2011

Ao encontrar Zé Maria  
Numa esquina qualquer dia  
Cara nua, peito em pêlo.  
Hei de dizê-lo:  
Sempre gostei dessa tua dupla alcunha,  
Homem e mulher, já que em ambos e  
com equidade tu metes a colher.  
Vos respeito nobre companheiro  
da fatal entrega,  
Mal falado colega que apenas cumpre  
niilista ofício.  
Não me surpreende vir buscar-me,  
Há muito tardaste, fostes generoso.  
Já vi da vida o estúpido e o formoso.  
O vil e o gostoso.  
Já ensaiei mortes parciais o bastante  
para achar-me.  
Agora, acho bom perder-me.







## Paraolímpico

2012

Não me amole com dores zinhas  
O varejo não me contempla,  
Acostumei-me ao atacado.  
E me vi indiferente, burro açoitado.  
Lamento, mas diante de alguns dramas  
prosaicos dos que tem a tripa forra,  
bocejo.

Desgraça pouca é bobagem.  
Tenho medo é das grandes destituições  
disfarçadas.

Das megaoperações da sorte,  
das grandes humilhações que  
decantam na casa ao lado.

Não me venha com churumelas, dramas  
de reportagem, querelas de acepipe.

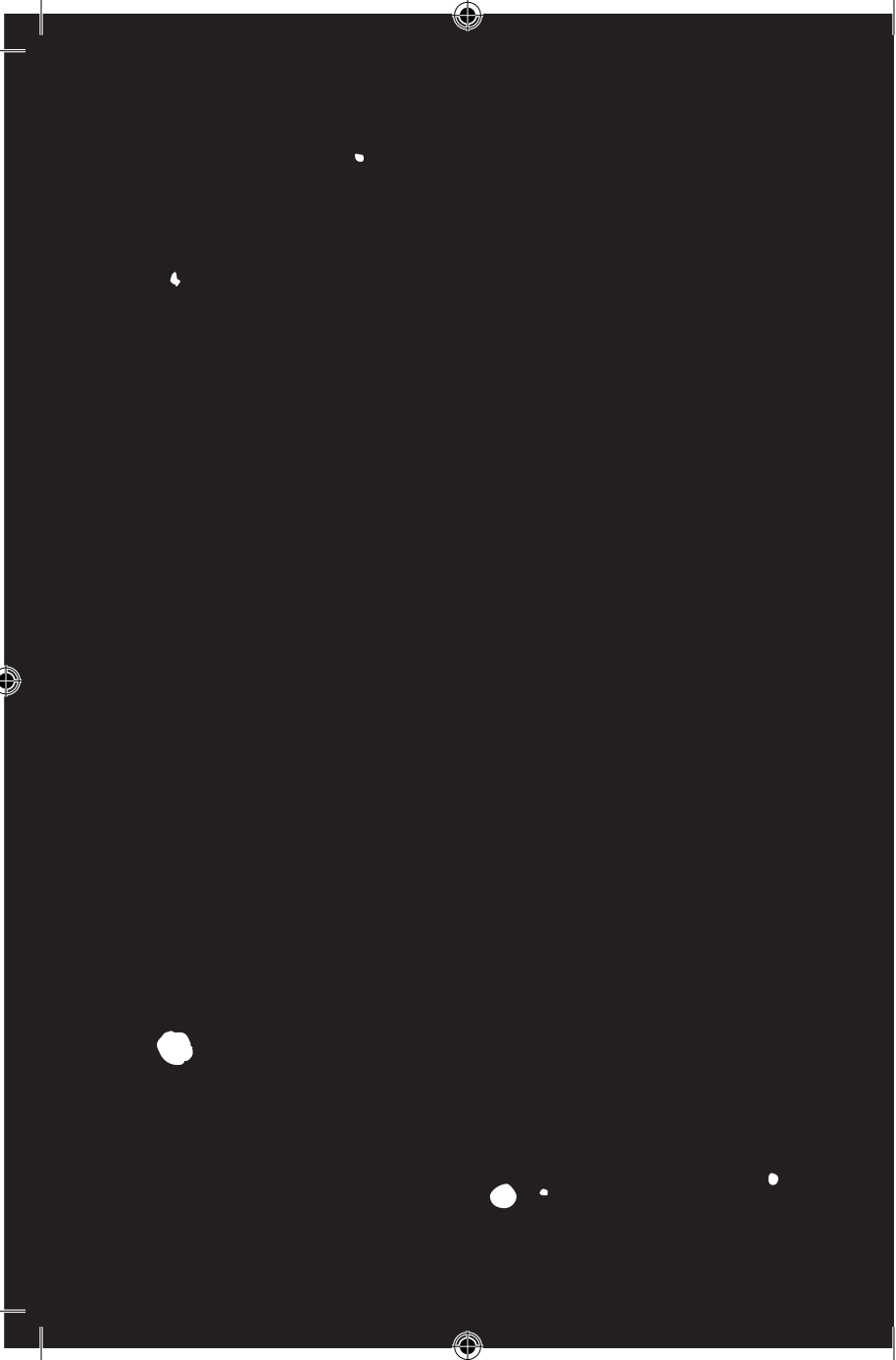
Tornei-me desumano?

Vi a angústia pelada cheirando a sangue.

Não espere mais de mim reações  
normais.

Virei paranormal, paraolímpico.  
Fui para-choque.





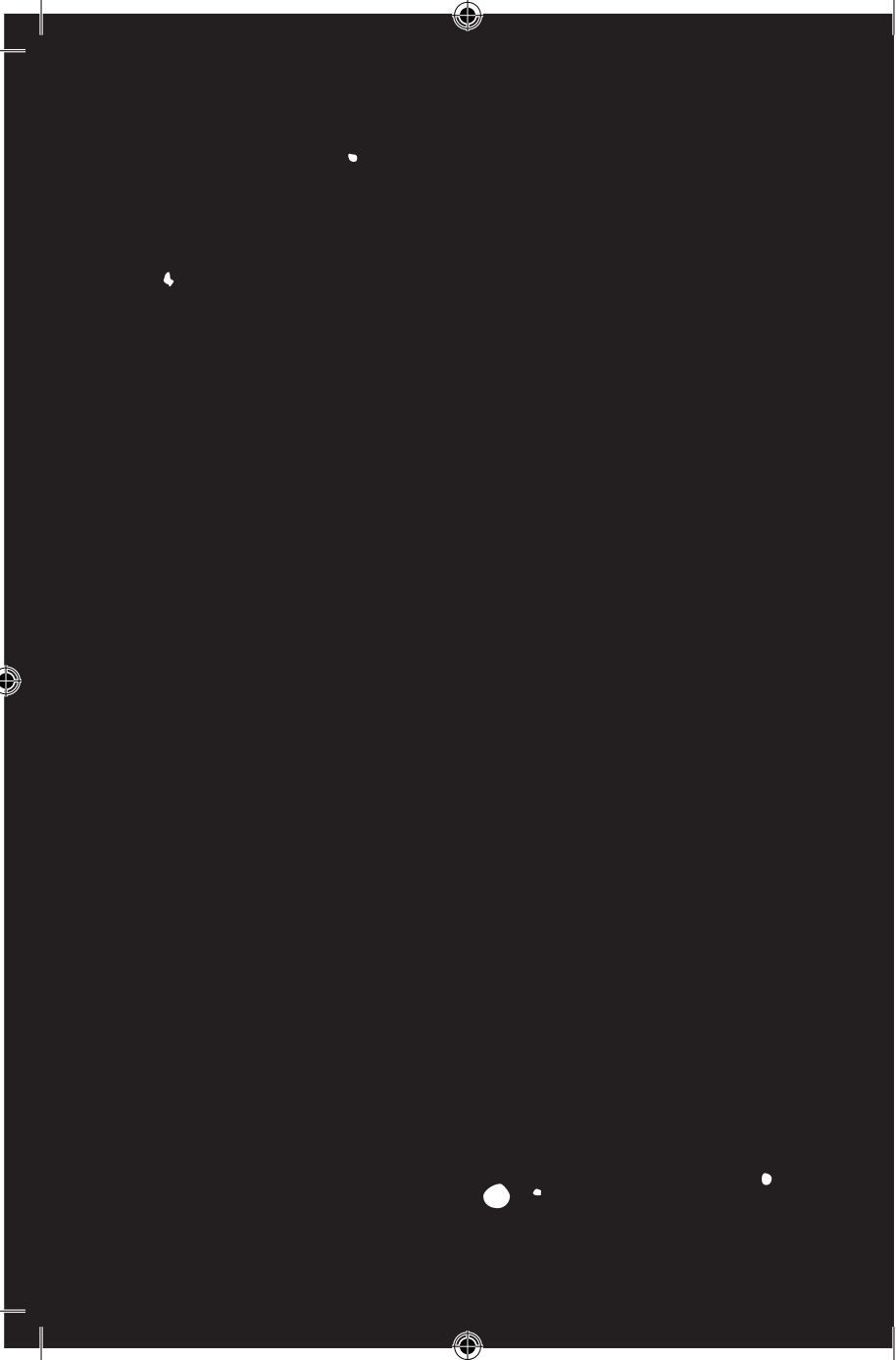


## Lesma no corte da faca

2012

Sabe por quê?  
Eu sou a lesma a se arrastar  
no corte da faca.  
Meu visgo me protege.  
Meu visgo me protege  
rei-te-ra-da-men-te.  
Mas não há conforto. Não.  
Não há conforto.









## Sobre o desejo de sumir no mundo

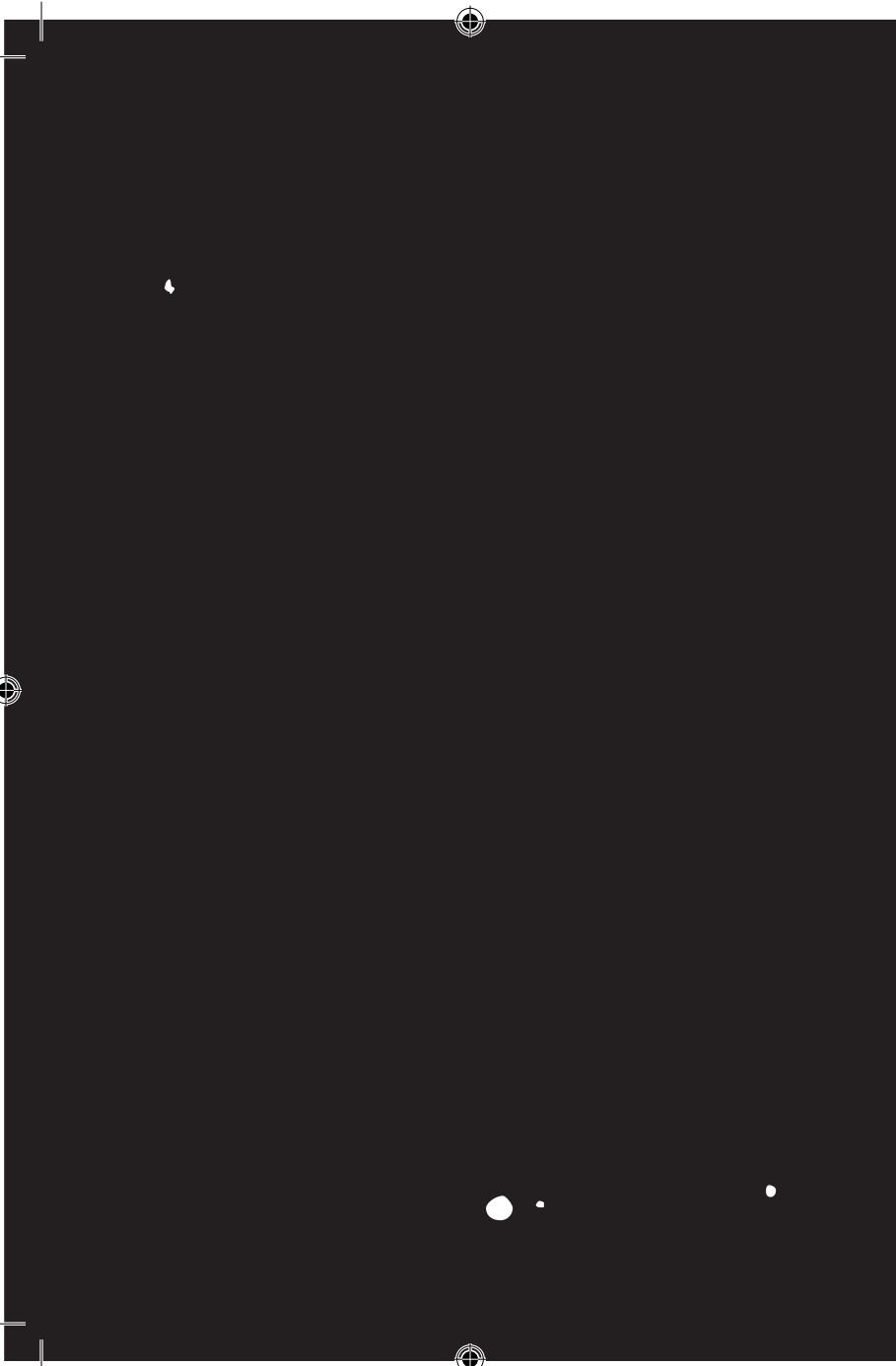
2012

Veja bem meu camarada:  
É o céu em cogumelo de sangue,  
poeira e pó.  
No pára-brisa traseiro.

Veja bem meu camarada:  
Você acelera para o nada.  
Sem nada.  
Leva os teus contigo,  
Como o herói de um filme de Spielberg.  
Como a fuga de Alcatraz.

Manter as mãos no volante,  
Mal olhar para trás.  
E não esqueça meu camarada:  
Voltar pra pegar os outros é  
arriscado demais.







## Corte e costura

2013

Cresci entre os pés de madeira escura  
de uma velha Singer.

De seu pedal fazia acelerador e freio,  
do acionador de seu motor um precoce  
telefone de automóvel.

Abria as gavetinhas da Singer de onde  
saíam como cabelos sianinhas  
diversas e fitas,

ilhoses, almofadas de alfinetes, uma  
diminuta chave de fenda, tesoura de  
picotar, tesoura de cortar, acessório  
de cerzir, giz, dedais, colchetes.

Dia e noite após a cozinha numa cadeira  
de madeira com forro de pano,  
eu a vi dirigir seus trabalhos em  
compenetrado silêncio.

Disponha sobre a cama do casal grandes  
moldes de um jornal da década de  
50 chamado Jornal Feminino,  
também outras modernas revistas  
de moldes.





Cobria com papel seda,  
pregava ao pano,  
cortava com precisão.  
Costureira? Não era não.  
Sua irmã sim, que tinha diploma.  
Eu gostava de suas colchas de retalho,  
de seus remendos nos meus fundilhos,  
do cheiro bom de sua lata de botões  
que eu derramava,  
brincava e arrumava muitas vezes,  
medi com sua fita métrica o meu próprio  
crescimento na parede.  
Intuitivamente achava lindo ter mãe  
artista, mas sequer concebia esta  
arte pra mim.  
Depois de velho percebi que sua  
arte modelou meu vocabulário:  
infestado, modelista, overlock, zig-  
zag, ponto cheio, chuleio, casear,  
acabamento, tubinho, evasê, balonet.  
Mesmo com inquebrantável obstinação  
taurina,  
ela vaticinava: é preferível fazer mil  
roupas do que reformar uma.  
Eu não ouvi sua lição e desde então  
virei costureiro.





## O título quem dá é você

2012

Quer saber? Quero teu grito.

Abramos as cortinas e que gargalhadas  
meninas e mulheres vazem pra  
vizinhança.

Quer saber? Quero teu suspiro cansado  
e dono de toda felicidade.

Que assuste e que se arrepie e se lembre  
vagamente de uma aragem boa de  
um passado do qual não lembra de  
fato (ou não viveu) essa gente que  
bateu panela e hoje espuma raivosa.

Sua frustração de terem vidas previsíveis.  
Quer saber? Vamos ser risíveis.

Deixemos os grasnados e os rosnados  
pros desamados, inchados da  
tristeza, da placa rígida em que  
foram invariavelmente parafusados  
pelas próprias mãos.

Que nossos gozos criativos e sólidos  
porque feitos a mão e na ausência  
de razão, vazem, vazem, vazem,  
escorram.





Porque gozo é arte grávida de  
outras artes.

Nossos corpos que foram um dia  
torturados, agora jazem suados,  
molhados da suprema transgressão  
nesta cidade de mortos e ranger  
de dentes.

E se morrerem, quem sabe brotem no  
final para que não morram com eles  
nossos deliciosos modos de andar  
vagarosamente pela melhor vereda  
da vida.

Quer saber? Vamos ser perversos.

Não perversos de boutique e  
comunidade virtual. Vamos ser  
perversos autênticos que, ao menos  
por momentos, cultivam o presente  
escorrente e tacam merda no  
ridículo coletivo.

Quer saber? Vamos ser amantes.

Não da palavra amante banal e gasta.

Sejamos amantes da delicadeza  
que põe mesa.

E dá banquetes de flores.





## Eterno esboço

2016

Se sou o esboço.  
É o que eu posso.  
Jamais obra feita.  
Pau que sempre se endireita.  
Pra logo desajeitar.





Este livro foi impresso em papel pólen 80g,  
utilizando as fontes Museo Sans e Museo Slab,  
em fevereiro de 2019, na Renovagraf – SP.

